

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

DANYELLE CHRISTINE DA SILVA MELO

**A EDUCAÇÃO DA MULHER NO JAPÃO DURANTE O PERÍODO
MEIJI: A educação feminina, seus principais influenciadores e suas
conquistas**

Brasília

2018

DANYELLE CHRISTINE DA SILVA MELO

**A EDUCAÇÃO DA MULHER NO JAPÃO DURANTE O PERÍODO
MEIJI: A educação feminina, seus principais influenciadores e suas
conquistas**

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do título de Licenciado em Letras,
pelo Curso de Letras: Língua e Literatura
Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Yuko Takano

Brasília

2018

DANYELLE CHRISTINE DA SILVA MELO

**A EDUCAÇÃO DA MULHER NO JAPÃO DURANTE O PERÍODO
MEIJI: A educação feminina, seus principais influenciadores e suas
conquistas**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Yuko Takano

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dra. Yuko Takano – Universidade de Brasília – UnB

Examinadora: Prof^ª. Dra. Donatella Natili – Universidade de Brasília – UnB

Examinador: Prof^ª Suzana Sumire Niho Garbin – Universidade de Brasília – UnB

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar a Deus pela vida e pela oportunidade de estar cursando Língua Japonesa, que antes era um sonho que consegui tornar realidade.

Aos meus pais, por todo amor e incentivo que me deram ao longo dos anos.

A toda minha família pelo apoio em todos os momentos, me dando força e estímulo nos momentos de aflição, compartilhando os momentos de alegria.

Aos meus amigos que me apoiaram e auxiliaram na escolha do tema.

Aos veteranos que me incentivaram, esclareceram minhas dúvidas e me motivaram a persistir no curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Dra. Yuko Takano pela atenção e pelo acompanhamento e conclusão deste trabalho.

À professora Dra. Donatella pela ajuda na escolha do tema, pelo suporte e toda ajuda oferecida na elaboração deste trabalho.

A todos os professores da área de Japonês da Universidade de Brasília, por todo conhecimento que adquiri ao longo do curso.

A todos que fizeram parte da minha vida acadêmica e colaboraram direta ou indiretamente com a minha formação acadêmica, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar a educação da mulher no Japão ao longo do período Meiji, assim como sua motivação e como ocorreu a inserção das mulheres nas escolas. Através de leitura bibliográfica buscou-se construir uma linha cronológica de eventos e fatores que influenciaram o surgimento das primeiras escolas femininas. O Japão após anos de reclusão que se estende ao Período Edo, ao abrir os portos para uma nova era Meiji teve um novo olhar com relação à educação da mulher, se antes a educação era voltada para um sistema confucionista, agora era tida como uma ferramenta de crescimento do país. As meninas que antes aprendiam somente o básico da leitura através de membros da família ou professores particulares começam a ocupar novos espaços na sociedade, passando a ter mais autonomia, e oportunidades através de reformas realizadas pelo governo Meiji. Uma que se destaca foi a criação do Ministério da Educação que através do Código Educacional regulamentou o acesso às escolas para todos independente de gênero ou classe social, buscando o atendimento total das crianças a essas instituições de ensino, reduzindo o analfabetismo. Para tal, fomentou o surgimento das escolas para atenderem à educação dessas mulheres, contando com influenciadores como Arinori Mori, Kiyotaka Kuroda e Fukuzawa Yukichi. Uma das medidas tomadas foi a Missão Iwakura, que levou aos Estados Unidos e Europa estudantes para adquirirem os conhecimentos necessários para o desenvolvimento do Japão. Tsuda Umeko, uma das integrantes da Missão, ao retornar ao Japão trabalha em prol dessa educação e estabelece uma escola de ensino superior, a *JoshiEigakuJuku*, visando a formação de mulheres racionais, independentes e empreendedoras. A mudança do sistema educacional, em Meiji, deu às mulheres uma nova posição na sociedade, dando-as mais autonomia, demonstrada ao decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Educação Feminina; Educação Japonesa; Educação na era Meiji; Tsuda Umeko; Missão Iwakura.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the education of women in Japan during the Meiji period, as well as their motivation and how women were inserted in schools. Through bibliographical reading, a chronological line of events and factors that influenced the emergence of the first female schools were searched. Japan, after years of seclusion extending into the Edo Period, when it opened its ports in the Meiji period, took a fresh look at women's education: if education was previously directed toward a Confucian system, it was now considered as a growth of the country. Girls, who once learned only the basics of reading through family members or private teachers, began to occupy new spaces in society, gaining more autonomy and opportunities thanks to reforms carried out by the Meiji government. One of the reforms that stood out was the creation of the Ministry of Education, which, through the Education Code, regulated access to schools for all, regardless of gender or social class, seeking to provide full assistance to these educational institutions, and thus reducing illiteracy. To this end, schools were encouraged to attend to the education of these women, with influencers such as Arinori Mori, Kiyotaka Kuroda and Yukichi Fukuzawa. One of the measures taken was the Iwakura Mission, which brought to the United States and Europe students to acquire the knowledge necessary for the development of Japan. Upon returning to Japan, Umeko Tsuda, a member of the Mission, worked in support of this education and established a school of higher education, the *Joshi Eigaku Juku*, aiming at the formation of "rational", independent and entrepreneurial women. The change of the educational system in Meiji has given women the possibility of a new insertion in society, giving them more autonomy, as this work demonstrates.

Keywords: Women's Education; Japanese Education; Education in the Meiji era; Tsuda Umeko; Iwakura Mission;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terakoya (寺子屋).....	21
Figura 2 - ArinoriMori	28
Figura 3 - Kiyotaka Kuroda.....	28
Figura 4 - Yukichi Fukuzawa	28
Figura 5 - UmekoTsuda	35
Figura 6 - Escola Missionária.....	39
Figura 7 – Alunas do Ensino Fundamental	41
Figura 8 – Sericultural School.....	43
Figura 9 – Joshi Eigaku Juku.....	48
Figura 10 - Universidade Tsuda	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Requerimento de entrada no ensino médio de meninas	42
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de frequência na escola primária na parte final da era Meiji (1894-1910)	50
Gráfico 2- Escolas Secundárias	51

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Contextualização	11
1.2 Justificativa	11
1.3 Problematização	12
1.4 Perguntas de Pesquisa.....	12
1.5 Objetivo Geral	12
1.6 Objetivos Específicos	12
1.7 Estrutura do Trabalho	13
2 METODOLOGIA	14
2.1 Metodologia de Pesquisa	14
2.2 Escolha do Tema	15
2.3 Levantamento de Fontes	16
2.4 Elaboração do Plano de Trabalho.....	16
2.5 Identificação/Seleção das Fontes Principais	16
2.6 Leitura do Material E Fichamento.....	16
2.7 Coleta de Dados.....	18
2.8 Análise, Interpretação e Discussão de Resultados	18
2.9 Redação.....	19
2.10 Aspectos Éticos	19
3 A MUDANÇA NO SISTEMA EDUCACIONAL	20
3.1 Breve contexto histórico sobre a educação no Japão entre os períodos Edo e Meiji	20
3.2 A política educacional do governo Meiji.....	23
3.3 A influência das guerras e do patrimônio na educação	25
3.4 Principais influenciadores da educação da mulher no Japão	26
3.4.1 Mori Arinori.....	26
3.4.2 Kuroda Kiyotaka.....	27
3.4.3 Fukuzawa Yukichi	27

4 A PRESENÇA DA MULHER NA EDUCAÇÃO JAPONESA	29
4.1 Missão Iwakura (岩倉使節団, <i>Iwakura Shisetsudan</i>)	29
4.2 Tsuda Umeko	29
5 A EDUCAÇÃO DA MULHER E ATUAÇÃO DA TSUDA UMEKO NAS ESCOLAS	36
5.1 As Escolas Femininas	36
5.1.1 Escolas Missionárias	36
5.1.2 Escolas Governamentais para Meninas	39
5.1.3 Ensino Médio	41
5.1.4 Escola Comercial	42
5.1.5 Escola Industrial	43
5.1.6 Escola de Babás	43
5.1.7 Escola de Medicina	43
5.1.8 Peeresses' School	44
5.1.9 Escolas Normais	45
5.1.10 Universidade Tsuda	46
5.1.11 Universidade Feminina	49
5.2 Equiparação de gênero na educação e o resultado alcançado pela educação da mulher no período Meiji	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
BIBLIOGRAFIA	55
ANEXOS	58
ANEXO A - FOTOGRAFIAS DE TSUDA UMEKO	58
ANEXO B - FOTOGRAFIAS DE MENINAS NAS ESCOLAS	59
ANEXO C - FOTOGRAFIAS DE MENINAS ESTUDANDO/ESCREVENDO	61
ANEXO D - LISTA DE ESCOLAS MISSIONÁRIAS	62
ANEXO E - CURRÍCULO / HORAS AULA ESCOLA GOVERNAMENTAL	63
ANEXO F - INSTITUIÇÕES DE ENSINO FEMININO NOS ANOS DE 1890-1891	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico consiste na exploração bibliográfica sobre a evolução da educação da mulher japonesa ao longo do período Meiji (1868-1912), buscando as raízes do surgimento das escolas femininas, seus principais influenciadores e os resultados alcançados.

Antes de a educação da mulher se tornar um tema importante no período Meiji, no período anterior, poucas meninas conseguiam acesso ao ensino, que era voltado para os meninos. No período Edo (1600-1868), o Japão vivenciou uma forma de feudalismo, também chamado período Shogunal, no qual um de seus principais aspectos era a organização hierárquica e o isolamento político-econômico. O Japão manteve os portos fechados, sem contato ou relação econômica com outros países.

No final do século XIX, com o fim do período Edo e início do período Meiji, marcado pela reabertura do país e a entrada do pensamento e dos costumes vindos principalmente dos Estados Unidos e da Europa, aconteceu uma “ocidentalização”, pois o Japão procurou se adaptar ao restante do mundo socio e economicamente. Pode-se observar nesse período de mudança a grande preocupação do governo em recuperar o tempo perdido e colocando o Japão na mesma categoria dos países que eram considerados desenvolvidos. Nesse contexto de mudanças e de busca da modernização, surgiu com “grande força”, o tema da educação feminina. O novo modelo da sociedade trouxe alterações à comunidade e a partir disso, a educação da mulher ganhou força, despertando o interesse pela formação técnica e profissional.

O governo Meiji deu um forte impulso para que a educação da mulher fosse estendida a todas as meninas do país, igualmente, como a educação dos meninos. Através da criação do Ministério da Educação (1871) e do Código da Educação Japonesa (1872), o governo impulsionou o desenvolvimento educacional, embora com dificuldades no início, na implementação do sistema, mas aos poucos obteve resultados crescentes. As novas medidas fizeram com que surgissem as primeiras escolas femininas, com diversas características e aspectos que serão relatados no capítulo três do presente trabalho.

Ao estudar a história da educação da mulher no Japão, encontramos nomes importantes como, por exemplo: Arinori Mori, Kiyotaka Kuroda, Yukichi Fukuzawacujas contribuições serão destaques no capítulo três do presente trabalho. Um evento importante foi a missão Iwakura, na qual cinquenta e quatro meninos e cinco meninas foram enviados, em intercâmbio, a Europa e aos Estados Unidos, com o objetivo de estudar e trazer de volta ao Japão

conhecimentos e habilidades que beneficiassem a nova formação da sociedade japonesa. Entre as meninas, o nome que se destacou foi o de UmekoTsuda, que batalhou pela ampliação da educação feminina e fundou uma universidade voltada para as mulheres, contribuindo para o alcance de igualdade de seus direitos.

1.1 Contextualização

No Japão, a educação para toda a sociedade foi conquistado aos poucos e recebeu grande influência de países ocidentais, através de seu contato com a Europa e com os Estados Unidos, conforme já relatado no item introdutório. A sociedade japonesa de tendência tradicionalista no início recusava mudanças, porém para o governo, o crescimento do país através da educação era fundamental, principalmente no caso das mulheres. Dentro desse cenário, foram implementadas novas políticas governamentais de incentivo à educação, em que o ensino seria para todos, independente de *status* social ou gênero.

O posicionamento do governo japonês, favorável à educação das mulheres japonesas, destacou sua importância no novo contexto social do período Meiji. A proposta deste trabalho é ressaltar as consequências dos contatos com o exterior no âmbito educacional. Neste contexto o referido estudo enfoca os desafios enfrentados em prol da educação da mulher, bem como da importância da criação do ministério da educação e do código que regulamentava a educação. Ainda, mostra através de dados bibliográficos coletados, os benefícios educacionais alcançados durante o período Meiji.

1.2 Justificativa

Para o curso de Licenciatura em Letras-Japonês que visa a formação de professores, a investigação sobre o desenvolvimento do sistema educacional do Japão se torna uma condição *sine qua non*, visto que esta pesquisa sobre educação pode contribuir para que os licenciandos tenham o conhecimento do sistema educacional japonês e como fomento para o desenvolvimento de outras pesquisas sobre temas parecidos. A pesquisa abordou o surgimento da educação no Japão no que se refere a educação da mulher, mostrando, dessa forma, que o governo japonês, desde o período Meiji, preocupou-se com a implementação de um sistema educacional eficiente.

O tema do trabalho foi escolhido visando abordar a importância de uma educação para todos, independente de classe social ou gênero e, além disso, relatar as conquistas das

mulheres japonesas no âmbito educacional que foram de extrema importância e para a ampliação do conhecimento sobre a língua e cultura japonesa. As pesquisas a respeito da educação no Japão, portanto, resultou necessárias e pertinentes para a formação acadêmica de professores dessa área.

1.3 Problematização

Partindo do pressuposto supracitado e levando em consideração a necessidade de estabelecer um ponto de partida para estudos futuros sobre a educação japonesa, a presente pesquisa visa analisar o surgimento da educação da mulher, sua influência na sociedade e quais reformas realizadas na época. Para tal, destacamos a seguir as perguntas de pesquisa:

1.4 Perguntas de pesquisa

1. Qual foi a motivação e a inserção da mulher na educação japonesa durante o período Meiji?
2. Quais as reformas realizadas no período Meiji para a integração das mulheres japonesas na rede educacional?
3. Qual foi o papel de Umeko Tsuda na educação da mulher e no surgimento da Primeira Universidade Feminina?
4. Quais foram as primeiras escolas femininas no Japão durante o período Meiji?

1.5 Objetivo geral

Investigar a evolução da educação da mulher japonesa durante o período Meiji.

1.6 Objetivos específicos

1. Investigar a motivação e a inserção da mulher na educação japonesa durante o período Meiji.
2. Identificar as reformas realizadas no período Meiji para a integração das mulheres japonesas na rede educacional.
3. Analisar o papel de Tsuda Umeko na educação da mulher e no surgimento da Primeira Universidade Feminina

4. Identificar quais foram as primeiras escolas femininas no Japão durante o período Meiji.

1.7 Estrutura do Trabalho

O presente trabalho foi dividido em seis capítulos, sendo o primeiro uma introdução sobre o tema, uma breve contextualização, a problematização, os objetivos gerais e específicos e as perguntas que nortearam a pesquisa.

No segundo capítulo é abordada a metodologia na qual o trabalho se baseia, demonstrando sua importância, bem como o motivo da escolha dos procedimentos metodológicos.

O terceiro capítulo traz uma breve contextualização histórica de como era a educação no Japão durante o período Meiji, as políticas educacionais adotadas e os principais influenciadores.

O quarto capítulo aborda a Missão Iwakura e a vida de Umeko Tsuda, seus estudos nos Estados Unidos da América, seu retorno ao Japão e sua participação na educação da mulher.

O quinto capítulo destaca a presença feminina na educação japonesa, abordando as primeiras escolas voltadas para as mulheres e as escolas onde Umeko Tsuda teve atuação como os resultados obtidos.

O sexto capítulo apresenta as considerações finais e o desfecho do trabalho.

METODOLOGIA

2.1 Metodologia de Pesquisa

O presente trabalho tem como finalidade investigar o surgimento da educação da mulher no Japão, assim como as pessoas envolvidas no processo e destacar os avanços e conquistas alcançadas. Para realizá-lo foi escolhida a pesquisa bibliográfica, seguindo preceitos de estudos exploratórios.

Para Gil (2002) a vantagem da pesquisa Bibliográfica é que permite ao investigador uma ampla cobertura da gama de fenômenos, tornando-se importante quando os dados do problema estão dispersos no espaço. O autor ressalta ainda que ela é indispensável em estudos históricos e naqueles em que “não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

A respeito da pesquisa no contexto amplo, tendo em vista o posicionamento das autoras Marconi e Lakatos (2003) que dizem que ela “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” E complementando com Gil (2002) que relata que a pesquisa "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos". Ainda para ele, existem pesquisas exclusivamente de fontes bibliográficas, na qual se propõem uma análise das diversas posições acerca de um problema. Baseado nisso este trabalho busca trazer uma reflexão sobre os primeiros relatos da educação da mulher e através dos materiais existentes buscar compreender e interpretar o documento coletado para a análise deste trabalho.

Para Raupp e Beuren (2006) “o material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo o referencial já tornado público em relação ao tema do estudo”, os autores citam fontes como livros, revistas, jornais, monografias, dissertações, entre outros. Através deles é possível reunir conhecimento sobre o tema e elaborar um trabalho monográfico, numa perspectiva histórica ou com o intuito de reunir diversas publicações isoladas e atribuir-lhes uma nova leitura. Para eles os trabalhos bibliográficos “são importantes no sentido de procurar formular novas teorias ou mesmo buscar elucidar teorias já existentes”.

A pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2003), é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. Para o tema abordado, tendo em

vista que o período de tempo trabalhado engloba parte do período Edo (1603-1868) e o período Meiji (1868-1912), foi escolhida a presente metodologia por melhor se adequar ao conteúdo da pesquisa. As autoras ainda trazem o seguinte parágrafo para destacar a importância da pesquisa bibliográfica:

Para Manzo (1971:32), a bibliografia pertinente "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente" e tem por objetivo permitir ao cientista "o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações" (Trujillo, 1974:230). Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (apud, MARCONI E LAKATOS, 2003, p.183)

Assim como abordado pelas autoras esta pesquisa não visa repetir o conteúdo já existente, mas busca trazer inovação e um olhar através de outras perspectivas.

Cervo e Bervian citado por Raupp e Beuren(2006) abordam que a pesquisa bibliográfica é aquela que “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos”. Podendo ela ser independente e através dela “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”.

Para Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa bibliográfica compreende oito fases sendo elas a escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação. Para Gil (2002) as oito fases envolvem as etapas: a escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação do texto.

Dando continuidade ao pensamento Gil (2002) tanto o número de etapas como o encadeamento variam de acordo com diversos fatores, como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc. Seguindo as propostas dos autores supracitados e o objetivo da pesquisa a construção do trabalho, foram mescladas algumas fases, dividindo assim trabalho abaixo relacionado.

2.2 Escolha do tema

O tema inicial escolhido foi a educação da mulher no Japão. Através das pesquisas e leituras, surgiram questionamentos tais como, indagações de seu surgimento, quais são os

primeiros relatos da educação da mulher, como funcionava o sistema educacional, quais foram seus idealizadores, quais problemas enfrentados pelas mulheres para ter acesso à educação,

Por ser um tema muito amplo, após a leitura exploratória, delimitou-se o tema para o período de surgimento de relatos sobre o assunto (final do período Edo e início do período Meiji), focando principalmente na luta pela igualdade, como ela se desenvolveu e em quais pilares se apoiou para promover as mudanças no sistema educacional do Japão no que se refere à mulher. Neste contexto, contemplaram-se pessoas que se destacaram e ofereceram suporte necessário a esta luta.

2.3 Levantamento de fontes

Inicialmente foi utilizada a base de dados JSTOR¹, bibliotecas físicas e online para a busca do material. Pela falta de bibliografia sobre o assunto em língua portuguesa, as buscas foram realizadas em língua inglesa, tendo como descritores de busca as expressões: “*japanese women education*”, “*japanese education*”, “*meiji education*”.

Foram selecionadas diversas fontes bibliográficas dentre elas: livros, artigos, síntese, revistas que deram suporte para o construto desta pesquisa, que forneceu insumos para responder as indagações da mesma. Neste primeiro levantamento, foi realizada uma leitura exploratória, que segundo Gil (2002) é aquela cujo objetivo é verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa. Segundo o autor, ela é realizada “mediante o exame da folha de rosto, dos índices da bibliografia e das notas de rodapé”. Dentre os livros apresentados nos sites e através destes marcadores, foram selecionadas as obras para análise, algumas em sua integridade, outras em partes (capítulos, módulos).

Fica claro que o levantamento bibliográfico é de fundamental importância para a formulação do problema de pesquisa. Todavia, por si só, ele é insuficiente. Requer-se a reflexão crítica acerca dos assuntos estudados, de forma tal que seja possível identificar controvérsias entre os diferentes autores, identificar abordagens teóricas relevantes para o estudo de fenômeno e, se possível, optar por uma abordagem teórica capaz de fundamentar o trabalho. (GIL, 2002, p.63).

¹ JSTOR: é um sistema online de arquivamento de periódicos acadêmicos, acessível em: <https://www.jstor.org/>

2.4 Elaboração do plano de trabalho

Para Marconi e Lakatos (2003) na elaboração do plano deve-se observar a estrutura de todo o trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução deve estar incluso o tema, sua delimitação, importância, caráter, justificativa, metodologia empregada e apresentação sintética da questão. No desenvolvimento deve estar a fundamentação do trabalho, demonstrando e expondo as principais ideias, através de três fases, sendo elas: a explicação, discussão e demonstração, ou seja, a apresentação do tema, seguida de sua explicação, fundamentação e, por fim, a dedução lógica do raciocínio. O desenvolvimento deve abordar temas logicamente correlacionados. Na conclusão apresenta-se um resumo completo da argumentação, a união das ideias e a síntese de toda a reflexão.

Baseando-se nessa estrutura, foi elaborado um plano de trabalho, em que na elaboração da introdução foram abordados os aspectos supracitados. No desenvolvimento, na parte explicativa, foi abordado o contexto histórico em que se iniciou a educação da mulher, quais aspectos a influenciaram, seu contexto legislativo e o surgimento das primeiras escolas. Na fase de discussão foi destacada a presença feminina na educação japonesa e as reformas realizadas.

2.5 Identificação/seleção das fontes principais

Para atender à proposta do trabalho foi realizou-se a leitura prévia do material e o esboço do plano de trabalho e após estas etapas foram escolhidas as obras a serem utilizadas. A fonte principal do trabalho foram os livros, que segundo Gil (2002) “são fontes por excelência e podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência”.

2.6 Leitura do Material e Fichamento

Com o material escolhido foi realizada nova leitura, de forma criteriosa, na qual foram escolhidas as partes a serem trabalhadas. Através da leitura, de discussões com a orientadora e de reflexões críticas foi possível a formulação do problema de pesquisa.

2.7 Coleta de dados

Dentro do levantamento de dados, Marconi e Lakatos (2003) mantém o posicionamento de que “O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações”.

Gil (2002) demonstra preocupação na coleta de dados e diz que para evitar a reprodução ou ampliação de equívocos presentes nas fontes secundárias, o pesquisador deve assegurar-se das condições em que os dados foram obtidos. Para ele deve-se “analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente”.

Para Gerhardt e Silveira (2009) é importante saber o que coletar e como coletar. No primeiro caso, deve-se buscar os dados úteis para testar as hipóteses do trabalho. Como coletar se refere aos instrumentos de coleta de dados, através da concepção de um instrumento capaz de fornecer as informações adequadas e necessárias para testar as hipóteses, testá-lo e colocá-lo em prática.

Na coleta de dados, o importante não é somente coletar informações que deem conta dos conceitos (através dos indicadores), mas também obter essas informações de forma que se possa aplicar posteriormente o tratamento necessário para testar as hipóteses. Portanto, é necessário antecipar, ou seja, preocupar-se, desde a concepção do instrumento, com o tipo de informação que ele permitirá fornecer e com o tipo de análise que deverá e poderá ser feito posteriormente. A escolha entre os diferentes métodos de coleta de dados depende das hipóteses de trabalho e da definição dos dados pertinentes decorrentes da problemática. (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 57).

Por ser uma pesquisa bibliográfica e seguindo os preceitos supracitados, os dados foram coletados através de publicações de autores, após a leitura, em que foram identificadas as informações necessárias para o trabalho. Sendo registradas as informações das fontes como textos, gráficos e tabelas para embasarem a pesquisa.

2.8 Análise, interpretação e discussão de resultados

Segundo Gil (2002) é necessário uma análise dos dados, em observância aos objetivos e ao plano da pesquisa, para um tratamento analítico do documento. Para isso, após a coleta de dados, realizou-se um processo de leitura analítica, em que foi analisada de forma interpretativa a consistência das informações escritas e dos dados apresentados pelos autores,

de forma que tais informações pudessem responder o problema de pesquisa, estabelecer compreensão do conteúdo e ampliar o conhecimento do tema estudado. Para o autor a análise do conteúdo desenvolve-se em três fases, sendo elas: a pré-análise na qual se escolhe os documentos e formula hipóteses; a exploração do material em que se escolhe o que será trabalhado e se classifica; e por fim o tratamento, inferência e interpretação dos dados.

“O processo de análise e interpretação é fundamentalmente iterativo, pois o pesquisador elabora pouco a pouco uma explicação lógica do fenômeno ou da situação estudada, examinando as unidades de sentido, as inter-relações entre essas unidades e entre as categorias em que elas se encontram reunidas.” (GIL, 2002, p.90).

2.9 Redação

O trabalho foi escrito conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

2.10 Aspectos éticos

Conforme normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), todas as obras utilizadas neste trabalho serão devidamente referenciadas. Tendo o comprometimento de todos os dados utilizados serem exclusivamente com finalidade científica.

3 A MUDANÇA NO SISTEMA EDUCACIONAL

3.1 - Breve contexto histórico sobre a educação no Japão entre os períodos Edo e Meiji

Como citado na introdução, durante o período Edo, o Japão vivenciava uma forma de feudalismo, conhecido como época Shogunal, durante o período os portos estavam fechados e, portanto, isolado politicamente e economicamente.

Segundo Saito (2014), durante o período do Shogunato, a sociedade era dominada por, um “calvinismo machista”, no qual poucas mulheres conseguiam trabalho. A maior oferta de ocupação para elas era nos campos e plantações. Entretanto, as mulheres das famílias samurais e de classe mais alta ficavam limitadas aos trabalhos domésticos e de criação dos filhos. O autor sustenta que no Japão, assim como em muitos países, a primeira educação que as meninas recebiam era transmitida por suas mães. A mulher japonesa tinha o dever de educar suas filhas conforme as normas de conduta da sociedade, seguindo as “três obediências” ou “três obrigações fundamentais”, que segundo Griffis (1874), seriam: a obediência ao pai quando criança, a obediência ao marido quando casada e por último a obediência ao filho mais velho quando viúva.

Diferente das meninas, segundo Saito (2014), a educação do filho homem não recaía sobre a mãe, principalmente o primogênito que herdava a posição do pai, portanto a educação destes era ministrada pelo pai, ou por mentores. O menino precisava aprender também artes marciais, escrita chinesa, ética, entre outras habilidades, portanto a mãe ficava impossibilitada de cuidar da educação do filho homem, pois poderia mimá-lo com seu amor e sua tendência de protegê-lo.

Fujimura (2011) aborda que ao final o período Edo, as crianças da classe samurai (a classe militar governante da época) e da nobreza atendiam algum tipo de escola durante certo período de tempo; porém o estilo da educação e nível de ensinamento dependiam principalmente de dois fatores: o *status* social (filhos de samurais, alta sociedade, classe média ou a classe comum) e o gênero.

Durante esse período, os filhos (homens) dos samurais estudavam em escolas chamadas “*Hankō*” (Escolas do domínio). Os requisitos para frequentar a escola e o tipo de currículo oferecido eram diferentes, dependendo do nível social do samurai. As escolas locais, ou “*Gogaku*”, foram desenvolvidas no meio do século XIX, como filiais dentro do domínio. Nelas, além dos filhos dos samurais, estudavam também os filhos de

classes inferiores. Havia também as instituições privadas ou *Shijuku*, que eram instituições de ensino superior, voltadas principalmente para os samurais, entretanto admitiam também outras classes.

Durante o período Edo foram fundadas as instituições primárias denominadas *Terakoya* ou “escolas dos templos”, voltadas para a sociedade que constituía a maior parcela da população. Estas eram casas de ensino, pequenos estabelecimentos de educação privada, normalmente localizados em templos ou casas particulares, onde os professores eram monges, doutores ou samurais, que atendiam grupos de trinta a quarenta alunos. Lá se ensinava leitura, escrita e aritmética. Algumas meninas conseguiam estudar nesses estabelecimentos, entretanto não existiam instituições de estudo voltadas exclusivamente para elas. (SAITO, 2014).

Figura 1 - Terakoya (寺子屋)



Fonte: Issunshi Hanasato (一寸子花里) (1842 -45)

Fujimura (2011) e Griffis (1874) abordam que a educação da mulher se iniciava dentro de casa. Tradicionalmente as filhas dos samurais e as mulheres das famílias de classe alta, recebiam educação em suas próprias residências, nas quais as meninas recebiam aulas particulares de membros da família ou de professores particulares contratados como por governantas. Já as meninas de classe baixa frequentavam as escolas dos templos estabelecidas na época.

Entretanto, apesar das meninas japonesas também frequentarem as escolas dos templos, Fujimura (2011) destaca que existia uma diferença de número das meninas nas áreas rurais, pois pelo fato de serem de famílias mais conservadoras, poucas mulheres chegavam a

frequentar e, além disso, nas áreas urbanas, o número de mulheres que frequentavam essas escolas era pouco menor que a dos meninos.

Nas aulas, além do ensino formal, as meninas aprendiam como administrar e cuidar da casa, desenvolvendo habilidades em costura, tecelagem, cerimônia do chá, arranjos florais e pintura. Muitas dessas meninas recebiam treinamento trabalhando como domésticas nas casas dos samurais por um período de tempo. Segundo Osada (1961), nas *Terakoya*, era possível que algumas meninas estudarem, sendo a proporção de uma menina a cada quatro meninos. Além disso, não era incomum encontrar mulheres professoras.

Bacon (1902) relata que o Japão diferia da maioria dos países orientais no fato de que suas mulheres recebiam o estudo da cultura através de livros. Segundo a autora, embora as escolas para meninas fossem desconhecidas no Japão, todas as mulheres das classes mais elevadas recebiam alfabetização; enquanto algumas eram bem versadas nos clássicos chineses e na arte poética. Ainda, as meninas não eram mandadas para escolas, mas algumas recebiam tutoria de professores particulares que ensinavam a escrita e leitura. Além disso, as meninas de classe alta aprendiam música, etiqueta, arranjos florais, cerimônia do chá, pintura e escrita. Por outro lado as meninas de classe mais baixa, elas se destacavam pelo aprendizado de danças e se apresentavam em casa ou em festivais.

A autora refere à importância da escrita e a sua valorização no Japão:

Esta é talvez a razão pela qual os japoneses valorizam uma boa caligrafia mais do que qualquer outra realização, pois isso denota uma destreza manual que é o segredo do sucesso em todas as artes, e quem escreve os caracteres chineses bem e rapidamente pode aprender rapidamente a fazer qualquer outra coisa com os dedos. (BACON, 1902, p.39)²

Segundo Griffis (1874), apesar de receberem aulas de caligrafia, poucas mulheres adquiriam conhecimento avançado nos caracteres chineses. A maioria das filhas de samurai e das meninas de classe alta sabiam o suficiente para ler histórias japonesas.

A educação da mulher seguia a concepção confucionista do seu papel, ou seja, o de produzir herdeiros, cuidar da casa e criar os filhos. Segundo Fujimura (2011) para a sociedade do período Shogunal, a educação da mulher era considerada como desnecessária, se não prejudicial. O autor traz um recorte do discurso de Sadanobu Matsudaira, o chanceler Shogunal entre 1786-93, no qual ele diz que seria bom que as mulheres fossem iletradas,

² Original: This is perhaps the reason why the Japanese value a good handwriting more highly than any other accomplishment, for it denotes a manual dexterity that is the secret of success in all the arts, and one who writes the Chinese characters well and rapidly can quickly learn to do anything else with the fingers. (BACON, 1902, p.39)

cabendo-lhes apenas o aprendizado do necessário à leitura dos livros em *kana* (o silabário japonês, diferentemente dos caracteres chineses mais difíceis), pois cultivar as habilidades delas seria desvantajoso. O autor ainda relata que mesmo com a posição e a restrição imposta, a mulher japonesa do período Edo, como relatado acima, recebia o básico da educação. Entretanto, uma posição social, que “confinava” aos trabalhos domésticos e aos cuidados com a casa, fornecendo-lhes poucas oportunidades de colocar em prática a educação que recebia. Mesmo assim, algumas mulheres chegavam a escrever obras literárias, contos, diários e poesias.

Bacon (1902) relata que uma das “artes” do aprendizado das mulheres era a etiqueta. Ela sustenta que, independente da forma, a etiqueta não é deixada no Japão para “o acaso”, e ser aprendida através de observação e pela imitação de qualquer modelo, mas era ensinada regularmente por professores especializados. Para Bacon, tudo na vida cotidiana tem suas regras e os professores de etiqueta são peritos. Como exemplo, ela cita: saber fazer uma reverência, os métodos de fechar e abrir a porta, levantar-se e sentar-se no chão, a maneira de servir uma refeição ou chá. Tudo era ensinado às meninas com os mínimos detalhes. Para a autora, com a modernização do país, os japoneses rapidamente descobriram que no desenvolvimento do século XIX “dava pouco tempo para aprender como fechar e abrir as portas da maneira mais polida”. Desta forma essas coisas, no sistema escolar estabelecido em Meiji, deixam a educação inteiramente relegada às escolas femininas.

3.2 A política educacional do governo Meiji

Após o colapso do Shogunato Tokugawa e o retorno da Família Imperial ao poder, segundo Saito (2014) com a Restauração Meiji, foi criado o Ministério da Educação em 1871 e, no ano seguinte, surgiu o primeiro regimento da educação e em seguida promulgada a Ordenação do Sistema Educacional. Segundo o Departamento de Educação Japonês (1876), o novo governo, nos anos de transição que precederam o estabelecimento do Departamento de Educação, realizou muitos movimentos importantes para dar à Nação um sistema educacional adequado. Algumas medidas tinham caráter provisório e, por isto, eram frequentemente substituídas ou modificadas, mesmo assim foram determinantes³ para o início das mudanças.

Durante o período Meiji, vários pensamentos vindos dos Estados Unidos e de países europeus como em relação à liberdade, aos direitos humanos, à igualdade de gênero e o

³ Como por exemplo, uma educação voltada para todos independente de classe social ou gênero.

sistema da monogamia foram introduzidos no Japão, que foi conhecido como o “movimento iluminacionista” (KIGUCHI, 2005).

Com a grande influência dos Estados Unidos da América, em relação ao modelo de educação feminina, o Japão seguiu o sistema educacional de países americano, que consistia em três níveis educacionais: ensino fundamental, médio e universidade. Pela primeira vez no país foi proclamada uma educação para todos em que todas as crianças eram obrigadas a frequentar o ensino fundamental, independentemente do gênero, ocupação parental ou *status* social. Entretanto o progresso não foi adquirido tão facilmente. (SAITO, 2014)

Apesar de o governo insistir para que todos fossem para a escola, muitos japoneses sentiram desconforto com o modelo educacional americano e com os conteúdos ministrados nas escolas, que eram contrários àquilo que pregavam, incluindo as taxas cobradas pelo ensino. Saito (2014) relata que por esse motivo muitas famílias persistiram no auto ensino e a matrícula de meninas era muito baixa, pois a maioria dos pais não via a necessidade de suas filhas serem educadas fora de casa. O autor relata ainda que o pensamento principal na época era que as meninas precisavam aprender os trabalhos domésticos e auxiliar em casa, como cozinhar, lavar, limpar e cuidar de um irmão mais novo, lembrando sempre que a mulher era criada segundo as três obediências (ao pai, ao marido e aos filhos mais velhos). Para os japoneses arcarem financeiramente com a educação das filhas era um fator que dificultava o ensino das meninas no Japão.

A restauração Meiji marcou a primeira reforma educacional no Japão. Fujimura (2011) comenta que os líderes do governo buscaram eliminar o analfabetismo e modernizar o país, para se equiparar às nações ocidentais mais desenvolvidas. Para ele a educação deveria ser uma das chaves para enfrentar os desafios impostos pelos países ocidentais, fornecendo aos seus cidadãos as habilidades necessárias para o desenvolvimento militar e econômico, promovendo um senso comum de nacionalidade e abrindo o caminho para a plena realização dos recursos intelectuais do país. Foi nesse contexto que ocorreu uma ruptura da hierarquia de classes, gerando uma igualdade social, sendo uma delas a igualdade nas oportunidades para ambos os gêneros na educação.

Também as pessoas da nossa terra reconheceram plenamente a importância de uma educação mais expandida e esclarecida para as meninas do que aquela anteriormente em vigor. O resultado de todo esse pensamento e preparação tem sido bastante satisfatório, quando damos a devida consideração pela brevidade do tempo em que o

novos sistema está funcionando bem.” (The Japanese Woman’s Commission, 1893,pg 154)⁴

3.3 A influência das guerras e do patrimônio na educação

O propósito da educação visionada pelos líderes durante a era Meiji, para Fujimura (2011) era para "enriquecer o país e fortalecer o exército". Esse pensamento penetrou em todas as esferas da vida japonesa (política, jurídica, econômica, social, cultural e educacional).

Com a guerra Sino-Japonesa (1894-95), ocorreram várias mudanças, sendo uma delas motivadas, segundo Saito (2014), pelo “fervor nacionalista”, na qual os japoneses começaram a aceitar a educação nacional proposto pelo governo. Nesse contexto, a visão do ensino da mulherera não somente dos envolvidos na educação, como também daqueles responsáveis pela política do governo, que adotaram iniciativas ativas, não vistas antes, como o incentivo de frequência escolar das meninas, treinamento extensivo das professoras e o ensino de costura e bordado,por exemplo.

A sociedade passava por um processo de desenvolvimento, em que a nova geração ocuparia os lugares de líderes. Com a decadência da estrutura feudal, muitas mudanças surgiram na sociedade.Segundo Griffis (1874), uma delas é em relação ao casamento, na qual os homens passaram a procurar não somente uma mulher para “criar seus filhos”, mas também as mulheres que tivessem uma boa educação para serem suas companheiras. Para a nova civilização, o autor cita a importância e a necessidade da educação completa da mulher.

Não podemos esperar que uma ideia tão radical como a da educação igual de ambos os sexos, como os obtidos em muitas instituições nos Estados Unidos, ainda podem ser apreciados pelas autoridades educacionais japonesas, mas acreditamos que o dia está próximo, quando existirão instituições de ensino superior, como as do Vassar College, do Packer Institute e outras para o benefício direto das mulheres japonesas e a vantagem final do Império.(GRIFFIS, 1874 p 108)⁵

Após a guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918),a sociedade japonesa passa por algumas mudanças em diversas áreas, sendo elas principalmente nos empregos e na família. O sistema familiar, que antes era caracterizado por

⁴ Texto Original: The people also of our land fully acknowledged the importance of a more expanded and enlightened education for girls than that formerly in vogue. The result of all this thought and preparation has been quite satisfactory, when we make due allowance for the shortness of time the new system has been in working order. (The Japanese Woman’s Commission, 1893,pg 154)

⁵ Texto original: “We can hardly expect that an idea so radical as that of the equal education of both sexes, such as obtains many institutions in the United States, can yet find favor with the Japanese educational authorities, but we trust the day is near when higher institutions of learning like those of Vassar College, the Packer Institute, and others, shall exist for the direct benefit of Japanese women and the ultimate advantage of the Empire.”(GRIFFIS, 1874, p. 108)

possuir vários membros passou a se restringir a uma residência, que era uma família “nuclearizada”, composta do casal e dos filhos. Esse processo começou a se expandir e a tomar conta de todo o Japão ao longo dos anos. Com este novo modelo familiar, onde o homem trabalhava para sustentar a família e a mulher ficava em casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos (SAITO, 2014)

3.4 Principais influenciadores da educação da mulher no Japão

No Japão, tiveram várias pessoas importantes na criação e no estabelecimento da educação feminina, entre os principais influenciadores estão Arinori Mori, Kiyotaka Kuroda e Yukichi Fukuzawa.

3.4.1 Mori Arinori

Arinori foi enviado aos Estados Unidos da América como Embaixador Japonês entre os anos 1870-1873. Quando esteve lá se interessou pelo método educacional Ocidental. Incentivou muitos jovens japoneses a estudarem nos Estados Unidos (SMITH, 1997). Quando retornou ao Japão Arinori fundou a *Meiokusha*, a primeira sociedade intelectual moderna, o lugar em que propagava seus pensamentos através da distribuição do Jornal *Meioku* (COBBING, 2002).

Ele assumiu o posto de Primeiro Ministro da Educação quando Hirobumi Ito formou o primeiro Gabinete japonês. As reformas implantadas por ele não causaram um grande efeito na sociedade japonesa. No primeiro ano como ministro criou o Novo Decreto Educacional, que estabeleceu um controle central das escolas japonesas, estipulando objetivos e estruturação desde o ensino primário até a universidade. Incentivou a integração cultural em uma série de reformas que buscava uma padronização do currículo escolar, introduzindo o treinamento moral e físico, que segundo ele era considerado necessário para fortalecer a personalidade das pessoas (COBBING, 2002).

Em um de seus discursos relatou que a base fundamental para um país enriquecido é a educação e que o sucesso ou fracasso do país depende da educação da mulher. E vai além, comentando que no processo de educar as meninas, era necessário ensinar para elas a ideia de servir e ajudar o seu país. Arinori Mori recomendou que imagens modelos que simbolizavam a essência do espírito da educação da mulher fossem colocadas nas salas de aula. Modelos como de uma mãe criando seu filho, ensinando-lhe, acompanhando seu crescimento até ser

convocado para ir à guerra, despedindo-se do filho e esperando-o de volta. Já no caso do filho, ele lutando bravamente no campo de batalha e a mãe recebendo um telegrama informando-a da morte do filho na guerra. (FUJIMURA 2011).

3.4.2 *Kuroda Kiyotaka*

Kumiko (2011) traz em sua obra que Kiyotaka Kuroda teve grande influência na educação da mulher, dando um primeiro passo, em que, após ser surpreendido pelas diferenças entre as mulheres americanas e as mulheres japonesas, propôs ao então ministro da educação, Arinori Mori, que um grupo de mulheres fossem enviadas junto de um grupo de estudantes para o estudo nos Estados Unidos. O autor traz um relato que quando Kiyotaka estava na América, ficou impressionado com a posição e influência das mulheres no país e descobriu que era porque as mulheres americanas, assim como os homens, recebiam educação. O desejo de ter mulheres japonesas igualmente instruídas fez com que ele desse o passo que levou as meninas japonesas para estudar no exterior.

Com seu conselho, foi decidido pelo governo, enviar um número de estudantes meninas, na missão Iwakura. Candidataram-se cinco meninas, que embarcaram para estudar nos Estados Unidos da América.

3.4.3 *FukuzawaYukichi*

FukuzawaYukichi (1835-1901), foi um autor, escritor, professor, tradutor, empresário e jornalista japonês que fundou a Universidade de Keio, *Jiji-Shinpō* (um jornal) e o Instituto de Estudo de Doenças Infecciosas. Foi o proeminente educador e crítico social e recebe o crédito por ser um dos primeiros a falar sobre as mulheres e sua posição na sociedade. Ele havia defendido desde muito cedo a importância da educação para as mulheres e também a melhoria de sua posição na sociedade. Kiguchi (2005) diz que Yukichi insistia em suas obras na igualdade dos sexos e no sistema de monogamia.

Miyamori (1902) complementa, dizendo que Yukichi em seus livros buscou libertar as mulheres do código de moralidade, na qual “as mulheres eram consideradas fisicamente e mentalmente muito inferiores aos homens pelos confucionistas e budistas”. As mulheres, além da baixa posição social, não tinham direito à propriedade residencial, nem poder ou responsabilidades quanto à esta, sendo tudo pertencente ao marido. Através de suas obras, ele

buscou transformar a posição das mulheres na sociedade, afirmando que elas são iguais aos homens nas capacidades naturais e que elas deveriam ser tratadas como auxiliares dos homens. Durante anos sendo inferiorizadas as mulheres se tornaram fracas fisicamente e mentalmente, por isso Yukichi sugeriu dar-lhes mais poder, responsabilidades e direitos. (MIYAMORI, 1902, p. 142).

Figura 2-Mori Arinori



Mori Arinori, 1870, Museu das Artes
Finas, Boston

Figura 3 - Kuroda Kiyotaka



Portrait of Kuroda Kiyotaka (黒田
清隆, 1840 – 1900)

Figura 4 - Fukuzawa Yukichi



Fukuzawa Yukichi
(KinseiMeishiShashin. Vol.2)

4 A PRESENÇA DA MULHER NA EDUCAÇÃO JAPONESA

4.1 Missão Iwakura (岩倉使節団, *Iwakura Shisetsudan*)

Em 1871 vários jovens foram enviados em intercâmbio para a Europa e aos Estados Unidos, para estudar e trazer de volta ao Japão o conhecimento e habilidades que beneficiaram a sociedade (FUJIMURA, 2011).

Segundo Rose (1958) Kiyotaka Kuroda, em 1871 foi aos Estados Unidos para escolher especialistas americanos como consultores especiais para o desenvolvimento do Japão. Conforme citado no capítulo anterior, impressionou-se com as mulheres americanas e, ainda concluiu que o sucesso ocidental se dava pela educação da mulher. Sugeriu que fossem encaminhadas algumas meninas na expedição de Tomomi Iwakura, para receberem educação nos Estados Unidos e que voltassem para propagar essa educação em território japonês. Em conversas Arinori Morie Kiyotaka Kuroda revelam a visão “Meiji” sobre a mulher japonesa, seu posicionamento na sociedade e suas contribuições para o estado.

Os alunos eram enviados por um período de dez anos de estudo, com garantia de pagamento das despesas para a viagem, taxa de matrícula e custos escolares, despesas permanentes e uma previsão anual de 800 dólares para despesas adicionais. Com a influência de Kiyotaka Kuroda, foi enviado na missão um grupo de cinco meninas incluídas num grupo de cinquenta e nove alunos. São elas: Ryoko Yoshimasa (15 anos), Sadako Ueda (15 anos), Sutomatsu Yamakawa (12 anos), Shigeko Nagai (9 anos) e Umeko Tsuda (6 anos). O grupo partiu para São Francisco no dia 23 de dezembro de 1871, acompanhado de oficiais do governo que estavam a caminho de negociar tratados. (FUJIMURA, 2011)

Este capítulo dedica-se atenção especial a Umeko Tsuda que teve grande destaque na Missão Iwakura e sendo mentora e fonte de inspiração para a educação da mulher, visto que ao retornar ao Japão colocou em prática seus ensinamentos e, em 1900, fundou a *Joshi Eigaku Juku*, uma universidade voltada para as mulheres.

4.2 Tsuda Umeko

A vida de Umeko Tsuda referida ao longo do texto são recortes da biografia escrita por Barbara Rose no ano de 1958, no livro “Tsuda Umeko and Women’s

Education in Japan”. A autora traz relatos, assim como cartas escritas por Umeko, sendo necessárias no presente estudo para criar uma linha cronológica da vida de Umeko e chegar até a criação da *Joshi Eigaku Juku* em 1900 para demonstrar toda a sua importância na educação da mulher japonesa.

Rose(1958) relata que o pai de Umeko, Sem Tsuda, era um homem progressista que havia estudado holandês e inglês em várias escolas privadas durante o período Edo. Em 1958 foi nomeado interprete no Ministério das Relações Exteriores e promovido a intérprete do governo e instrutor de inglês no escritório *Niigata*. Em 1860, casa-se com Hatsuko Tsuda e recebe o nome da família, (retentores da família Tayasu, que era uma filial dos Tokugawa), passando a ser um membro de uma família proeminente, além de um oficial do governo. Em 1867 acompanhou um grupo liderado por Yukichi Fukuzawa para os Estados Unidos para tratar de um atraso na entrega de um navio de guerra e na compra de armamentos (rifles). O contato com a cultura ocidental o deixou encantado e impressionado com a tecnologia e, nessa época, adquiriu livros e manuais. Com a queda do regime Tokugawa, rompeu seu contato com o governo e criou um hotel, que apesar do sucesso no início, acabou fracassando. Quando a Missão Iwakura abriu inscrições para mulheres, Sen enviou a filha, pois vislumbrou nessa iniciativa uma maneira de voltar a ter influência, pois um estudo no exterior estava se tornando um abalizador de *status*.

Umeko embarcou para os Estados Unidos uma semana antes de completar sete anos para sua viagem ela levou consigo um xale vermelho, papel, tinta e pincel para as cartas, um livro ilustrado de história japonesa e um pequeno dicionário. Seu inglês se resumia à “yes”, “no” e “thank you”.

Quando os integrantes da Missão Iwakura chegaram aos Estados Unidos foram surpreendidos pela multidão que se reunia para ver as meninas, pois a imprensa descreveu-as erroneamente como “princesas” pelos seus trajes. Devido a essa popularidade, os americanos responsáveis pelas meninas recusaram a dar a elas roupas ocidentais, o que para elas foi motivo de transtorno e sofrimento. O que só foi resolvido dois meses depois. As meninas além da barreira linguística encontraram uma barreira cultural.

Em 29 de fevereiro de 1872, elas chegaram em Washington e ficaram sob os cuidados de Arinori Mori, o tutor legal das meninas. Arinori ficou surpreso e sem saber o que fazer devido à idade de Umeko Tsuda. Deixou então todas elas com Charles Lanman, um secretário da Missão Diplomática Japonesa. As meninas passaram a morar

juntas em uma casa alugada e ficam aos cuidados de uma governanta, mas elas não tiveram nenhum progresso no estudo de inglês, o que resultou na separação do grupo. Umeko voltou a morar com Charles Lanman e sua esposa Adeline. O casal não possuía filhos, passando Umeko a ser sua “filha adotiva” e para Umeko eles eram seus “pais americanos”.

Devido sua idade, os pais adotivos americanos decidiram não aceitar a escolha de escola do tutor japonês, o “*East Coast Boarding School*” e enviaram-na para uma escola local, o “*Georgetown Collegiate Institute*”, onde ela recebeu a mesma educação de uma garota da classe média americana. Ela teve um grande progresso e formou em 1874. Umeko desde pequena tinha um grande senso de independência. Entrou no “*Archer Institute*” em Washington que tinha aproximadamente cem estudantes de famílias políticas e burocratas estudou o currículo feminino, destacando-se ao tocar piano em uma formatura.

Umeko adquiriu os valores da classe média americana, valores de autoajuda e empresarial, temperados pelas ideias de caridade e altruísmo. Sua vida com os Lanman deu-lhe um forte senso de autoestima e dignidade pessoal que fomentou seu crescente espírito de independência. Sua educação não foi uma simples coleta de conhecimento e sim uma formação de caráter. Para os Lanman, o aprendizado não era uma educação verdadeira a menos que estivesse junto de um forte senso de moralidade.

Antes de partir na Missão, as meninas foram levadas até a Imperatriz Haruko, de quem ouviram o pedido para que se tornassem alunas exemplares. Essa audiência representou a autorização imperial para o novo papel da mulher na modernização do país. Quando retornou ao Japão, Umeko acreditava que sua ocidentalização era suficiente para torná-la líder entre as classes emergentes profissionais e a classe média alta, transformando-a em referência no caminho feminino. Ingenuamente assumiu que sua educação americana, o conhecimento de pessoas influentes e o paternalismo do governo iriam levá-la a uma carreira influente. Entretanto, ela se viu às margens, ignorada pelo governo e pela imprensa, apesar de ser conhecida pela elite da educação ocidental.

Seu primeiro ano no Japão foi de isolamento e solidão. Apesar de ser japonesa, às vezes, se sentia diferente. Como embarcou muito nova para os Estados Unidos e com o tempo que lá viveu teve dificuldade ao retornar ao seu país com a comunicação em língua japonesa e com os aspectos culturais, como as formalidades na forma de comer, andar e falar.

Com o casamento de sua amiga Sutomatsu e o crescimento na família de Shigeko⁶, Umeko ficou ainda mais sozinha, o que a fez planejar sua própria escola, um internato no qual poderia influenciar muitas meninas. Ela planejou abri-lo em 1884, entretanto não teve nem o dinheiro e nem os contatos necessários para estabelecê-lo. Recebeu oferta de um emprego temporário na Escola Missionária Metodista (*Tsukiji Kaigan Jogakkô*) e aceitou trabalhar para começar a ter contatos com pessoas e abrir sua própria escola no futuro.

O governo, seguindo a liderança de Hirobumi Itô⁷, estava interessado em promover atividades consideradas apropriadas para mulheres. Umeko participa da criação da Sociedade de Caridade das Mulheres, junto com a esposa de Itô. Elas realizaram bazares em que incentivavam as mulheres a fazerem bordados, pinturas, qualquer trabalho que pudesse ser vendido para ajudar no hospital. Isso deu a Umeko um lugar de destaque.

Em 1889 retornou aos Estados Unidos por dois anos, para aperfeiçoar seus estudos na *Bryn Mawr College* onde se especializou em biologia. Em conversas com Alice Bacon⁸, forneceu informações para seu livro "*Japanese girls and Women*" (1891), esclarecendo suas ideias sobre as mulheres japonesas, suas necessidades e a contribuição delas para a sociedade. Por ser a primeira obra escrita em inglês sobre o tema, ganhou muita atenção tanto nos Estados Unidos como no Japão, devido ao teor de criticismo e por ter sido escrito por uma americana, cuja repercussão, teve uma reação hostil por parte dos japoneses. O nome de Umeko somente apareceu no prefácio como colaboradora, entretanto Alice dá metade dos direitos autorais para ela.

Por conta das críticas ao livro no Japão, Alice Bacon se ofereceu a escrever uma carta ao Jornal de Tóquio, para desfazer o mal estar, entretanto não tinha mais como desfazer a relação de Umeko com o livro. Ela aproveita o alvoroço que o livro causou para uma campanha em prol da educação da mulher japonesa, pedindo suporte a Organização das Mulheres Americanas. Fez discursos enfatizando que apesar do crescimento do Japão, as mulheres ainda tinham desvantagens, ainda eram criadas para a vida matrimonial e não podiam escolher seus companheiros. Umeko queria dar

⁶Yamakawa Sutomatsu e Nagai Shigeko foram duas participantes da missão Iwakura e tornaram-se amigas de Umeko Tsuda.

⁷ Itô Hirobumi foi um dos mais respeitados políticos Japonês, foi Primeiro-Ministro entre 1885 e 1888, era conhecido de Umeko do tempo da Missão Iwakura.

⁸ Alice Bacon era a "irmã" americana de Sutomatsu, que ficou em sua família na sua estadia nos Estados Unidos e amiga de Umeko.

liberdade a essas mulheres através da educação, conferindo-lhes uma posição na sociedade, para que elas pudessem escolher seus companheiros.

Umeko conseguiu estender sua estadia nos Estados Unidos por um ano. Em 1892 retornou ao Japão, com diversas experiências que iriam auxiliá-la na criação de sua escola. Foi criado um Comitê formado por oito membros (quatro homens e quatro mulheres) que agiriam como a filial do comitê da Filadélfia e que junto de Umeko reuniram 80 mil dólares, para uma bolsa de estudos, na qual mulheres entre 17 e 30 anos, solteira, deveriam fazer uma prova – história, chinês, inglês e matemática- para realizarem o estudo em uma escola Americana. Tiveram oito concorrentes.

Em 1893, a Comissão da mulher japonesa (Japanese woman's Commission) pediu a contribuição de Umeko para a publicação do livro “Japanese Woman”, para a exposição colombiana do mundo em Chicago. O livro relata a história da mulher japonesa, descrevendo sua vida contemporânea e suas realizações. Esta obra foi utilizada na elaboração do presente trabalho.

Em 1898 Tsuda Umeko e Ogashima Fudeko, duas professoras da “Peeresses’ School”⁹, são enviadas como representantes japonesas para a convenção bienal da Federação Geral de Clubes Femininos realizada em Denver. Umeko ficou frustrada com seu discurso, pois perdeu a oportunidade de chamar atenção de mulheres americanas influentes e bem sucedidas para a sua causa. Ao sair de lá, foi para Inglaterra por cinco meses (Londres, Cambridge, Oxford) com o propósito de observar as escolas de ensino superior para meninas, com interesse principal de criar sua própria escola. Procurou o comitê da Filadélfia para dar suporte aos seus planos de abrir a escola e treinar as meninas para o exame governamental de professor. Alice Bacon, sua amiga, estava pronta para ir a Tóquio para ajudá-la na nova empreitada. Em 1899 retornou ao Japão, com o desejo de iniciar seus planos na criação de sua escola.

Umeko decidiu inaugurar sua escola em 1900, devido ao aumento do número de escolas secundárias e de escolas vocacionais para as mulheres no ano anterior, das quais se destacaram a *Jissen Jogakuen*, fundada em 1899 por Utako Shimoda, sua colega e diretora da “Peeresses’ School”, a Escola Médica das Mulheres de Tóquio fundada em 1900 por Yayoi Yoshioka e Naruse Jinzo estava planejando abrir o *Nihon Joshi Daigaku* (Universidade feminina do Japão).

⁹ A “Peeresses’ School”, em uma tradução minha ficaria como a “escola imperial”, mas por não conseguir um termo apropriado, mantive o termo em inglês utilizado nas obras de referência.

Em seu relato Rose comenta que Umeko, então, pediu demissão da “Peeresses’ School”, a escola de maior categoria no Japão a qual tinha colaborado durante 15 anos. Na ruptura com a escola, ela teve que renunciar ao salário e ao título. Nesta ocasião escreveu uma carta comentando sobre a dificuldade de estar conectada à corte e ser considerada funcionária da casa imperial. Além disso, expressou a vontade de criar sua escola e ressaltou que seu coração estava feliz por tomar posição pelo que é certo e verdadeiro e não pelo nome ou convênio.

A *Joshi Eigaku Juku* seria uma escola que ofereceria um curso de três anos para as graduadas do ensino fundamental, objetivando prepará-las para os exames do governo de licenciatura de professores em inglês para escolas públicas. Umeko não queria se restringir ao ensino de inglês, mas oferecer outros cursos. Ela queria elevar o *status* da mulher, tornando-as autossuficientes, capazes de ganhar sua independência financeira e dar-lhes a liberdade de abandonar papéis tradicionais e obrigações familiares. Umeko sabia que estas mulheres seriam criticadas. Entretanto aconselhou as alunas para que não deixassem que as críticas impedissem seu progresso no ensino superior. Entre os conselhos que deu, comentou que são pequenas coisas que constituem uma verdadeira dama, como a linguagem que usam, a maneira como se relacionam com os outros, a atenção aos detalhes da etiqueta, o comportamento gentil, submisso e cortês, assim como eram os costumes das mulheres japonesas. Conforme Rose (1958), isso não iria interferir no padrão de estudos. Elas como verdadeiras mulheres poderiam se esforçar para obter o mesmo domínio do conhecimento e atingir o mesmo padrão que os homens.

Umeko estava determinada a mostrar que as alunas da *Joshi Eigaku Juku* poderiam se igualar aos alunos das escolas masculinas, se recebessem o treinamento adequado, imitando o currículo das escolas superiores masculinas.

Segundo Rose, a filosofia da escola de Umeko era dar suporte à formação de pensamentos de suas alunas, fazendo com que tivessem em si os hábitos de autoconfiança e amor próprio, características que a ajudaram em sua própria carreira incerta, e que com certeza ajudaria suas alunas a sobreviver no “mundo corrupto da vida moderna”. Para Umeko essas características seriam indispensáveis às mulheres, uma vez que deveriam saber se expressarem em qualquer assunto, sem ter que apenas memorizar uma opinião de outra pessoa. Isso deveria ser vivenciado na escola para que lhes garantisse a segurança quando fossem confrontadas e precisassem expressar seus pensamentos e tomar suas decisões.

Os pensamentos de Umeko em relação à educação se diferenciavam do restante dos líderes japoneses. Enquanto Umeko acreditava que valorizando o pensamento das alunas estaria dando-lhes poder e confiança para que pudessem traçar seus próprios caminhos. Outras mulheres, como Masako Miwataque auxiliaram Naruse na criação da Universidade Feminina Japonesa, consideravam a educação como meio para ensinar às mulheres os caminhos de esposa e mãe, colocando a mulher ao serviço da sociedade, segundo os pensamentos confucionistas e os ideais de “boa esposa, mãe sábia”; Atomi Kakei, que também instituiu uma escola voltada para artes femininas, pintura, arranjo floral e cerimônia do chá, seguia o raciocínio de Masako e acreditava que a mulher que se sacrificava pela família era exemplo de “boa esposa, mãe sábia”. Rose (1958) comenta que a maioria delas “limitava” as mulheres aos serviços de cozinhar, costurar, criar filhos, entre outras atividades domésticas. Para Umeko, além do ensino de “habilidades femininas” as alunas precisavam do ensino intelectual.

A luta de Umeko era para demonstrar que existia outro futuro além da “boa esposa, mãe sábia” e a educação que ela sugeriu dava oportunidades para outras mulheres. Algumas de suas alunas participam de debates sobre questões sociais e políticas contemporâneas. A *Joshi Eigaku Juku* formou várias mulheres independentes e empreendedoras que estavam cheias de certeza moral em sua causa.

Figura 5 - Tsuda Umeko



Tsuda Umeko (1864–1929) at Bryn Mawr College graduation. 1º Janeiro de 1890

5 A EDUCAÇÃO DA MULHER E ATUAÇÃO DA TSUDA UMEKO NAS ESCOLAS

5.1 As Escolas Femininas

O Departamento de Educação Japonês, no livro “Um esboço da educação japonesa” (1876) relata que por mais que existissem escolas fornecidas pelo governo japonês, estas eram voltadas apenas aos *samurais* e as classes altas. A educação para mulheres e para quem era de classe baixa era considerado como além de sua esfera, tornando o acesso limitado. Com o surgimento de um novo sistema educacional, melhorado e métodos de ensino remodelados, a educação passa a ser projetada para todos, para que ela “esteja tão difundida que não haja uma aldeia com uma família analfabeta, nem uma família com um membro analfabeto”. A aprendizagem não deve ser mais restrita, ela deve ser acessível a todos independente de sua classe social ou gênero.

Rose (1958) relata que apesar do Governo Meiji dispensar mulheres na política, queriam mulheres de elite para definir o padrão para a refinada vida social, sendo o suporte de seus maridos em posições oficiais. Como futuras esposas de homens influentes, deveriam ser ensinadas em línguas estrangeiras e ter comportamento social ocidental. Com a posição governamental favorável à educação da mulher, surgiram as instituições de ensino voltado para a educação das mulheres no território japonês, as quais elencamos a seguir:

5.1.1 Escolas missionárias

No período inicial da era Meiji, surgiu uma variedade de escolas avançadas voltadas para o ensino feminino. Uma delas era a escola missionária para meninas que oferecia leitura bíblica e educação moderna ocidental, incluindo educação em inglês, literatura inglesa, música instrumental, canto e dança. As escolas missionárias para meninas atraíram um pequeno número de estudantes das famílias cristãs e famílias de classe alta. Havia, no entanto, uma reputação ofensiva em relação às alunas das escolas missionárias, como o lado “desconhecido” da cultura ocidental. (SAITO, 2014)

Apesar disso, após o término da guerra com a China foram renovados os interesses na educação da mulher e as escolas cristãs encontraram um interesse comum com os homens mais influentes no Japão. Essas escolas não recuperaram a liderança no Japão e ficam atrás das escolas governamentais. As escolas cristãs foram as pioneiras no ensino médio para as meninas japonesas. Burton (1914) cita que por volta do ano de 1889 existiam menos de 10 escolas governamentais e ensino médio público voltado para as meninas, enquanto existiam por volta de 20 escolas cristãs funcionando. Mesmo tendo maior número de escolas cristãs, foram incapazes de atingir um padrão elevado de equipamento e eficiência como as escolas governamentais, principalmente pelo apoio financeiro. Embora não fornecesse uma educação igual às escolas públicas, muitas alunas eram matriculadas nessas escolas, devido à falta de vagas nas instituições governamentais lotadas.

Em 1907, um regulamento foi emitido pelo Departamento de Educação, que limitava o privilégio de frequentar as escolas superiores e profissionais do governo para apenas as mulheres que se formavam em escolas secundárias governamentais, ou instituições reconhecidas pelo Departamento de Educação "como iguais ou superiores" a elas. E também limitou aos graduados de tais escolas a solicitação do exame para adquirir uma licença de um professor, indispensável para os melhores cargos nas escolas públicas. Isso teve um impacto muito grande nas escolas missionárias, pois deveriam ou retirar do currículo o ensino bíblico e se tornar uma escola comum ou assegurar junto ao Departamento de Educação o reconhecimento da igualdade de ensino, para que seus alunos não sejam barrados tanto no ensino superior quanto ao pedirem a Licença de professor. Devido a esse fator, de não reconhecimento, muitos pais matriculam suas filhas em escolas que tinham o reconhecimento. Algumas escolas missionárias retiraram o ensino Bíblico do currículo, tornando-se escolas comuns para manter o funcionamento, outras mantiveram a educação religiosa, entretanto tomaram medidas para equipar-se de acordo com os requisitos do Departamento de Educação, como exemplo o modelo de currículo, o nível do ensino e os edifícios da escola, ganhando assim o reconhecimento do governo. (BURTON, 1914)

A autora ainda aborda que muitas meninas que se formavam nas escolas missionárias conseguiam emprego como professoras, nos jardins de infância, nas próprias escolas missionárias nas escolas governamentais, algumas delas chegaram a criar suas próprias instituições, outras como governantas nas casas das famílias influentes e aquelas que se tornaram médicas e enfermeiras. Devido a grande demanda

para professores necessários nos jardins de infância, muitas alunas seguiram esta linha de trabalho. Existiam cinco excelentes escolas de treinamento para Jardins de infância, vinculadas a essas escolas cristãs, para o treinamento dessas garotas.

Outro fator que é destacado é que muitas famílias enviavam para essa escola as filhas “problemáticas”, para que mudassem o comportamento. Algumas dessas meninas mudaram além do comportamento, a maneira como falam, inclusive sua expressão facial. Em Fukuoka as autoridades educacionais recomendaram a Escola Metodista, pois era de alto nível tanto na Educação como na Moral.

Nessas escolas, as garotas aceitavam o cristianismo como algo a ser vivido e praticavam voluntariamente atos como reduzir sua alimentação para dar aos pobres, como também ao invés de receberem presentes, usavam dinheiro para comprar mantimentos para os necessitados. Algumas alunas por iniciativa própria ensinavam grupos de crianças nas escolas de domingo, em uma pesquisa em aproximadamente 40 escolas femininas, foi constatado que suas alunas e professoras trabalhavam em 303 escolas de domingo, sendo que 173 são conduzidas apenas pelos membros das escolas femininas, na qual o número de alunos ministrados por elas foram em torno de 15 mil e 18 mil alunos.

Em 1883 Tsuda Umeko recebeu um convite para ensinar *em TsukijiKaiganJogakko*, uma Escola Missionária Metodista. Nessa época ela ainda visionava criar sua própria escola, entretanto como ainda não tinha o dinheiro suficiente ou contatos e, pela característica da escola que adequava ao seu pensamento, ela acaba aceitando o convite. Para Umeko aceitar esse emprego era uma estratégia enquanto aguardava um posto no governo, uma vez que ganharia experiência como docente e, ainda, poderiam ampliar os contatos com pessoas influentes ao trabalhar nessa escola. Nessa escola ensinou geografia, inglês e história mundial. Apesar dos motivos anteriormente citados, o trabalho era insatisfatório, o salário era baixo e os alunos, em sua maioria de classe baixa, tinham péssimos hábitos e costumes que precisavam ser corrigidos.

Figura 6- Escola Missionária



Fonte meijishowa

5.1.2 Escolas Governamentais para Meninas

O ideal do feminismo para o governo, segundo Burton (1914) era a “boa esposa e mãe sábia”. Os cuidados da casa eram as tarefas das mulheres, pois enquanto o homem trabalhava fora, a mulher ajudava em casa. Apesar de existirem mulheres que realizavam com habilidade trabalhos considerados masculinos, elas eram poucas, a grande parte das mulheres respeitadas eram aquelas que eram boas esposas, mães sábias que encorajaram, confortaram e ajudavam seus maridos e filhos. Com a mudança na sociedade e a introdução dos pensamentos ocidentais, as tarefas femininas aumentaram, causando uma mudança na manifestação externa.

A autora ainda ressalta que a sociedade japonesa vivia dentro de um contraste entre pensamentos antigos *versus* novos, em que algumas mães mantinham pensamentos da época feudal e suas filhas apresentavam pensamentos modernos ocidentais. Para prevenir uma “catástrofe” na sociedade o único meio era através da educação dessa geração de mulheres, permitindo-lhes que avancem juntamente com os homens, porém, mantendo ao mesmo tempo, a apreciação do que é valioso e digno de ser preservado, nos velhos ideais. Assim, o objetivo do sistema educacional feminino era o de enquadrar as meninas como “boa esposa e mãe sábia” e, além disso, torná-las ajudantes adequadas dos homens do período Meiji e capazes de serem mães nobres para criarem a futura geração dos japoneses.

As escolas são divididas em quatro graus, sendo eles o jardim de infância, a escola primária, o colégio feminino e a escola normal (treinamento de professores).

Em 1872, o ministério da educação estabeleceu o primeiro colégio oficial de meninas em Tóquio, que era uma escola orientada para o Ocidente que enfatizava a

língua inglesa e os conteúdos da educação moderna, mas sem elementos cristãos. Por outro lado, havia escola feminina tradicional como de Atomi que ensinava a cultura japonesa para mulheres como clássicos chineses, poesia japonesa, costura, pintura, instrumentos musicais como *okoto* e arranjo de flores (SAITO, 2014).

Até 1899 existiam poucas escolas públicas para meninas e não havia regulamentações governamentais a respeito do rumo dessa educação ou o padrão dessas escolas. Entretanto a partir do ano referido, o governo reconheceu oficialmente a importância dessas escolas através do Regulamento Imperial, porém existia um controle sobre as criações das escolas, assim como suas organizações, administrações entre outros. Apesar de os regulamentos serem similares às escolas masculinas, as notas na escola secundária de meninas seriam determinadas com base nas atividades diárias e não por exames, pois, para elas, as meninas são muito emocionais e a tensão dos exames é prejudicial a elas. (BURTON, 1914)

O governo fundou em Tóquio três escolas especiais, que admitiam tanto meninos como meninas, sendo elas a Academia de Música de Tóquio, a Escola de Tóquio para cegos e a Escola de Tóquio para mudos. Na escola de música, no ano de 1911 dos 509 alunos, 354 eram mulheres; nas outras duas escolas o número era equivalente. (ROSE, 1958)

Tsuda Umeko deseja trabalhar em uma escola governamental, mas sem receber propostas do governo, ao final de 1883, sai da escola missionária e passa a lecionar em *TôyôJojuku*, uma pequena escola da elite, dirigida por Shimoda Utako, na qual Itô Hirobumi propôs uma criação de um departamento de inglês. Além de dar aulas nessa escola, ela ensina a esposa e Itô e sua filha e é tutora de inglês para os dois filhos de Mori Arinori, o que fez com que ela tivesse contato com as esposas da elite política. (ROSE, 1958).

Figura 7- Alunas do Ensino Fundamental

Fonte:Meijishowa

5.1.3 Ensino Médio

Apesar do crescimento da educação da mulher no ensino básico, Saito (2014) cita que o ensino médio teve uma estagnação, pois na Diretriz Geral para as Escolas Médias emitida pelo ministério da educação em 1881, somente dizia que: “O ensino médio visa proporcionar educação geral de alto nível para aqueles que desejam ingressar nas escolas avançadas ou engajar-se nos negócios para a classe média”. O documento não citava a criação de institutos de ensino médio para meninas ou o acesso delas a esse nível de educação. Durante esse período, poucas mulheres da classe média conseguiam trabalho, o que tornava esse nível de educação desnecessário, tendo em vista que poucos conseguiriam ter acesso às universidades.

Em 1899 são oficializados os institutos de educação secundária voltada para as meninas. Saito (2014) cita a intenção do Ministro da Educação em promulgar um novo regulamento com o aumento da necessidade da contribuição de mães sábias e boas esposas para colocar os lares em “boa ordem” e promover seu bem-estar da sociedade. Essa educação voltada para meninas oferecida nas escolas secundárias eram para prepara-las para se casarem com homens de famílias com *status* social e se tornarem “mães sábias e boas esposas”. Sendo nessa educação criada nelas um caráter nobre e elegante, de gentileza, modéstia, além de transmitir-lhes o conhecimento e as habilidades necessárias.

No ensino básico a mulher aprendia muito sobre a criação dos filhos e cuidados domésticos, devido aos preceitos que o Japão na época idealizava sobre a mulher de ser “boa mulher, mãe sábia”, o ensino médio foi implantado, seguindo uma preparação

dessas meninas para a vida matrimonial para o novo modelo de sistema familiar, na qual as mulheres se tornam auxiliares de seus maridos, sendo responsáveis pela casa e educação dos filhos enquanto o homem trabalhava. (SAITO, 2014)

O crescimento da procura pelas escolas de ensino médio para meninas, pode ser demonstrado através do surgimento de novas escolas. Em 1898 existiam 25 escolas públicas de ensino médio para meninas; em 1902, 72 escolas; em 1907, 97 escolas; em 1911, 145 escolas. A tabela abaixo demonstra o número de alunas admitidas nas escolas:

Tabela 1 - Requerimento de entrada no ensino médio de meninas

APPLICATIONS FOR ENTRANCE INTO GIRLS' HIGH SCHOOL			
Year	Number of Applicants	Number Admitted	Percentage Admitted
1901-02	7,911	6,242	78.90
1902-03	11,021	7,363	66.80
1903-04	14,046	9,180	65.36
1904-05	15,470	10,222	66.08
1905-06	19,790	11,407	54.22
1906-07	23,327	12,865	55.57
1907-08	26,108	14,327	54.87
1908-09	28,495	16,184	56.79
1910-11	30,207	18,673	61.48

(Burton, 1914, p.119)

Burton(1914) também relata que das 5.433 meninas que se formaram no ano de 1909 de uma das instituições, 709 meninas estão trabalhando nas mesmas escolas da qual se formaram; 23 alunas entraram para a Escola Feminina Superior Normal; 507 entraram em outras escolas; 780 são professoras em escolas; 2.738 se dedicaram a atividades práticas ou assuntos domésticos; 275 se casaram; 30 morreram; e não existem informações sobre 371 meninas. Demonstrando que desse número de meninas que 2.019 ainda estão envolvidas com o ensino, estudando ou dando aula.

5.1.4 Escola comercial

Entre as escolas profissionais privadas em Tóquio existia uma Escola Comercial Feminina em que as meninas eram preparadas para posições como estenógrafas, escriturárias, telefonistas, balconistas em escritórios ferroviários, etc. O trabalho desta escola foi reconhecido pelo governo como igual ao de uma escola secundária pública para meninas. (BURTON, 1914)

5.1.5 Escola industrial

Saito (2014) aborda que a escola de arte industrial feminino surgiu em 1888. The Japanese Women's Commission (1893, pg 157) relata que era uma escola privada de artes industriais para ensinar às meninas as atividades que eram consideradas “adequadas” para elas como costura, tricô, bordado, arranjo floral e pintura. E também eram dadas lições em ética prática, leitura, escrita, aritmética, economia doméstica e Ciências. O ensino do inglês era facultativo só para aquelas que desejavam aprender. Existiam dois cursos de estudo, o primeiro tendo duração de quatro anos e o outro de três anos, a carga horária era de sete horas por dia, e a escola contava com 32 funcionários e 344 discentes.

Figura 8 - Sericultural School



Sericultural School fonte meijishowa

5.1.6 Escola de babás

Como existiam meninas que não conseguiam frequentar as escolas pela necessidade de trabalhar como babás, surgiu uma tentativa de ampliar essa educação e oferecer uma educação simplificada para essas alunas. Nessa escola eram oferecidas aulas de meio período, em que elas iam para a escola no período da tarde, carregando consigo os bebês. O resultado fez com que a profissão fosse reconhecida e aprovada pelo governo, passando a ter um registro de escolaridade formal, o que também serviu para promover a educação das meninas, trazendo um grande efeito publicitário.

5.1.7 Escola de Medicina

A escola referida foi estabelecida pela Doutora *Yoshioka*, que administrava um hospital privado e através de seu salário instituiu a escola de medicina para meninas em

Ushigome, em Tóquio. Apesar de não possuir muitos equipamentos, e as alunas se revezavam para usá-los, o ensino foi reconhecido pelo governo, como uma *SenmonGakko* (escola de formação profissional), permitindo a escola de emitir diplomas e com issomuitas alunas trabalhavam como assistentes ou como enfermeiras de alta classe. Em 1908, somente três pessoas obtiveram sucesso no exame de medicina dos 1.400 inscritos, sendo uma delas *YukuTomihara*, aluna de *Yoshioka*. E dentre os aprovados como médicos pelo departamento educacional estão quatro mulheres, todas formadas nessa escola. Burton (1914) comenta que até 1914, formaram-se nesta escola 170 alunas

5.1.8 *Peeresses' School*

Em 1871, o Imperador Meiji conversou com seus dez nobres mais influentes que sobre a criação de uma escola na qual os filhos da nobreza pudessem receber educação adequada. Assim, em 1874, cerca de cento e cinquenta nobres formaram "A Associação dos Nobres". O Imperador deu um pedaço de terra para que o prédio da escola fosse erguido. Lá, cento e trinta alunos, incluindo algumas meninas, foram matriculados. No ano seguinte, a escola recebeu o nome "*Peers' School*", ela é uma das escolas mais antigas para meninas no Japão. (BURTON, 1914).

Ito Hirobumi propõe que a escola de ShimodaUtakofundisse com a filial feminina da "*Peers' School*" e formasse uma nova instituição, a "*Peeresses' School*" (*kazokujoshigakkou*). (ROSE, 1958)

A "*Peeresses' School*" consistia de cento e quarenta e três alunase era uma instituição inteiramente separada da "*Peers' School*", com seus próprios terrenos e edifícios, sob a proteção de Sua Majestade a Imperatriz. (BURTON, 1914).

Segundo Burton(1914), a "*Peeresses' School*" era limitada aos filhos da nobreza, entretanto em 1877, com a aprovação de um decreto, a matrícula nessa escola foi estendida aos filhos da "*shizoku*" (classe militar), e os "*heimen*" (plebeus). Ele cita um fator interessante, as taxas escolares são exigidas dessas classes, mas não dos nobres. Um dos registros apresentados por Burton mostra o aumento nas matrículas das meninas, sendo cinco alunas da família Imperial, 302 da nobreza, 279 da classe militar e 133 da classe plebeia.

Essa escola não pertence ao Departamento de Educação, ela é supervisionada diretamente pela Casa Imperial. E é dividida em quatro departamentos, sendo eles: o

jardim de infância, a escola primária com duração de seis anos, o ensino médio com duração de cinco anos e um departamento superior que oferece três anos de trabalho. Burton (1914) e Rose (1958) citam que o currículo é similar às escolas públicas, embora sejam mais rigorosos com as formalidades e além do currículo regular (matemática, física, química, geografia, história, literatura clássica e moderna, língua estrangeira), são ensinados também caligrafia, pintura, desenho, música (canto e instrumental), costura, bordado e culinária, além das técnicas tradicionais japonesas aprendiam também as do estrangeiro. Em 1906, a "Peeresses' School" voltou a ser um departamento da "Peers' School", mas manteve um campus separado.

Segundo Rose (1958), o diretor da escola escolhia professores que receberam a mais completa e moderna preparação para o ensino. Uma das primeiras mulheres a ser contratadas para ensinar nessa escola foi Tsuda Umeko. Umeko estava satisfeita, pois a escola era patrocinada pela Imperatriz e os estudantes eram da elite. Recebe o título de *sonin* (uma funcionária pública aprovada pelo império), deixando de ser meramente uma professora e passando a ser um membro do lar imperial. Em 1888 Alice Bacon foi ao Japão para ensinar por um ano na "Peeresses' School", morando junto com Umeko as duas começam a fazer planos para a escola sob a direção de Umeko. Umeko vai estudar nos Estados Unidos em 1889 e quando retorna em 1892 retoma seu trabalho na "Peeresses' School".

5.1.9 Escolas Normais

O evento mais importante no âmbito educacional em 1875 foi o estabelecimento de uma escola normal para mulheres, projetada para treinar professoras, especialmente para ensinarem nas escolas primárias. Recebeu grande apoio da Imperatriz, que além da doação para a construção, esteve presente na sua inauguração (JAPANESE DEPARTMENT OF EDUCATION, 1876).

A Escola Normal Feminina de Tóquio (*Tokyo JoshiShihanGakko*) era voltada para a formação de professoras. Em abril de 1876, um departamento preparatório foi anexado a ela, em junho do mesmo ano um jardim de infância foi iniciado nesta escola e dois anos depois, um departamento escolar comum foi adicionado para dar às alunas do curso normal de treinamento prático no trabalho de ensino.

As alunas moravam em dormitórios fornecidos pela escola, presididos por superintendentes, recebiam dinheiro para cobrir o custo de comida e roupa e despesas incidentais. Em troca disso, elas deveriam servir como professoras nas escolas primárias após a formatura. Era o trabalho de duração de cinco anos, para aquelas cujas despesas foram totalmente atendidas pelo governo, dois ou três anos para quem as despesas foram parcialmente atendidas e dois anos para aquelas que não receberam ajuda do governo. E as alunas que foram mandadas para o exterior, para se especializarem nas áreas de interesse do governo, deveriam ensinar por seis anos. (BURTON, 1914)

Burton (1914) relata que as jovens que participavam deste curso estudavam a moral, a pedagogia, a língua japonesa e a literatura chinesa, história, geografia, matemática, ciências naturais, física e química, economia doméstica, costura, escrita, desenho, trabalho manual, música e ginástica e para as que desejarem o ensino de Inglês. Uma escola secundária de meninas, uma escola primária e um jardim de infância estão anexados à Escola Normal Superior de Tóquio em que a prática de ensino é realizada. Em 1897 Tsuda Umeko foi nomeada professora na Escola Feminina Superior Normal de Tóquio, a mais avançada escola do governo para meninas no Japão.

5.1.10 Universidade Tsuda

A *Joshi Eigaku Juku*, também chamada de *Tsuda juku daigaku* (津田塾大学), que ficou conhecida nos Estados Unidos como *English Institute of Miss Tsuda*. O principal desejo de Umeko era o de compartilhar com as mulheres japonesas as dádivas que recebeu nos Estados Unidos. A *Joshi Eigaku Juku* foi idealizada como uma escola de preparação para a prova de licenciamento para professoras de inglês das escolas públicas, além de suplementar o trabalho das escolas do governo, as instituições missionárias, fornecendo a essas mulheres um meio de emprego que até aquele momento era restrito a elas.

Segundo Burton (1914) a escolha por uma escola especializada no ensino de inglês por Umeko, não foi somente pela ajuda financeira que receberia devido à necessidade de bons instrutores em língua inglesa, mas especialmente devido à crença de Umeko de que o estudo da literatura inglesa traria a suas alunas os ideais e inspirações que ela havia recebido. Na sociedade da época Meiji, existia uma diferença nos estudos, “os bons estudiosos em inglês têm uma educação japonesa imperfeita, e os

estudiosos japoneses minuciosos têm pouco ou nenhum conhecimento em inglês”¹⁰ (BURTON,1914). Essa impropriedade linguística resultava na reprovação daquelas mulheres que prestavam a prova para instrutoras de inglês, Umeko desejava elevar o número de aprovados, tornando suas alunas capazes de utilizar as duas línguas com propriedade.

Umeko queria ir além da educação e aumentar o status das mulheres, tornando-as autossuficientes. Nessa perspectiva, foi a primeira escola a criar cursos de especialização em seus cursos superiores de estudo.No relato de Rose (1958), ela começou a funcionar em uma casa alugada, contando com quatro professoras e quinze alunas. Segundo Burton (1914), no ano de 1902 a escola comprou uma propriedade que previamente pertencia à Missão da Igreja Americana, passando o ensino a ser realizado em dois edifícios com salas de aula, além de contar com escritórios, sala de leitura, sala de reunião, ginásio, dois dormitórios e três residências para professores. A escola passa a ter capacidade de atender cento e cinquenta alunas, e não precisam se preocupar com a falta de emprego, pois a reputação da escola fazia com que as alunas de Umeko saíssem com trabalho garantido nas escolas governamentais de todo território nacional, Burton (1914) ainda relata que a procura por estas alunas era tanta, que o número de vagas de professores ofertadas para a escola era superior ao número de alunas formadas na *Joshi Eigaku Juku* .

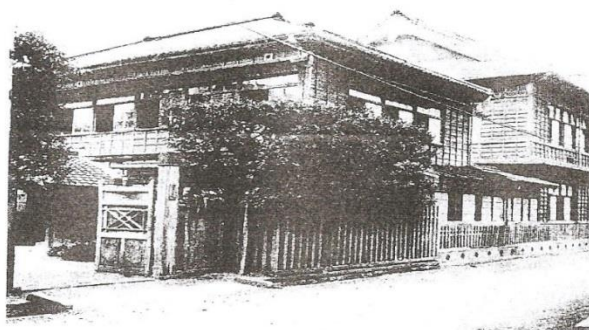
Rose (1958) ainda comenta que o currículo era composto de literatura japonesa e chinesa, história, ética social, educação física, ciências domésticas; mas, seu maior foco era a língua inglesa e sua literatura. Umeko utilizava os métodos que aprendeu em Bryn Mawr, nos quais as instrutoras desafiavam as alunas a pensarem independentemente e para que pudessem se preparar previamente para as aulas, expondo suas opiniões, demonstrando seus argumentos, mesmos que contrários ao posicionamento das professoras. Ela incentivava suas alunas a pensarem, a terem opiniões, encorajava-as a falar em público. As alunas se preparavam psicologicamente e intelectualmente nessa escola e esse desenvolvimento da mente e a formação de juízo são resultados mais abrangentes do que o mero estudo da língua.

Segundo Rose (1958) e Burton (1914), a *Joshi Eigaku Juku*, foi a primeira escola privada para mulheres a receber, em 1904, aprovação oficial do Governo como “*semmon gakko*” e graças ao trabalho realizado e ao reconhecimento, em 1905 foi

¹⁰ Trecho original: “The good English scholars have an imperfect Japanese education, and the thorough Japanese scholars have little or no English.” (BURTON, 1914, p.155)

concedido a licença de professoras de inglês, sem exame, às graduandas que trabalhariam em escolas secundárias e normais para meninas. Esta conquista dá grande força à *Joshi Eigaku Juku*, visto que desde 1912 as escolas de meninos possuem esse privilégio. Nenhuma outra escola particular para meninas em território japonês possuía tal privilégio, somente a *Joshi Eigaku Juku*, a Escola Superior Normal de Meninas de Tóquio e de Nara (que não ofereciam curso avançado em língua inglesa). Devido à conquista de não precisar mais passar pelo exame de licenciatura para professores, e pela conexão de Umeko com a “Peeresses’ School”, muitas alunas de classe médio-alta foram atraídas.

Figura 9- Joshi Eigaku Juku



The Joshi Eigaku Juku before it was destroyed in the Great Kantō Earthquake of 1923.

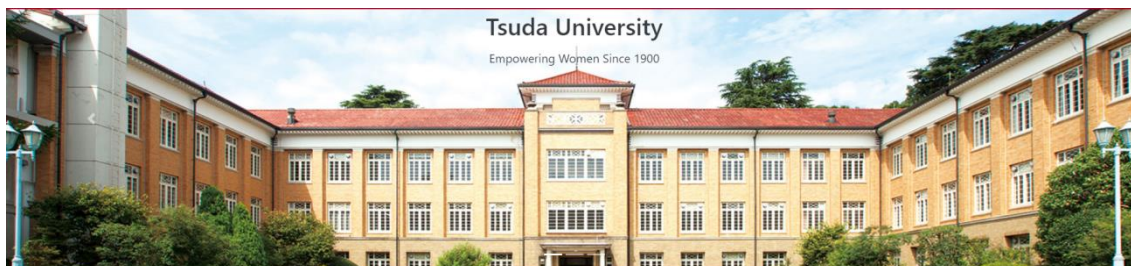
(ROSE, 1958)

Atualmente conhecida como Universidade Tsuda (Tsuda University ou Tsuda Daigaku), com 118 anos de história desde sua instituição, possui dois campus: Kodaira, localizada nos subúrbios de Tóquio, e responsável pela Faculdade de Artes Liberais e a Escola de pós-graduação; Sendagaya, localizado no coração de Tóquio, próximo a Shinjuku Gyoen, voltado para a Faculdade de Estudos Políticos e o programa de pós-graduação em Inglês como língua estrangeira. A universidade tem excelente reputação pela formação de alunas ilustres que contribuíram para a sociedade japonesa e internacional.

Uma grande característica é o interesse em intercâmbio cultural, sendo parceira de 29 universidades sediadas em 12 países, oferecendo oportunidades às alunas em melhorar suas habilidades de comunicação intercultural e ampliar os horizontes como cidadãos globais. Além do Departamento de Inglês, a Universidade consta com o Departamento de Estudos Internacionais e Culturais, Departamento de Cooperação

Internacional e Estudos Multiculturais, Departamento de Matemática, Departamento de Ciência da Computação e Departamento de Estudos Políticos.

Figura 10 - Universidade Tsuda



Fonte: <http://www.tsuda.ac.jp/en/>

5.1.11 Universidade Feminina

A universidade instituída por Jinzo Naruse, ele estudou uma temporada nos Estados Unidos e deu muita atenção para a educação da mulher, quando retornou ao Japão em 1894 e lançou livros sobre a essa educação destacando a importância de uma educação superior para as mulheres. Várias pessoas aprovaram seu pensamento e em 1896 após uma reunião começaram a arrecadar fundos para a construção desse “instituto”, inclusive a Imperatriz aprovou a ideia e colaborou financeiramente. Em 1901 foi inaugurada, passando a ser chamada de Universidade Feminina Japonesa (日本女子大学 Nihon joshidaigaku), recebendo o reconhecimento do governo como *Senmon Gakko* (escola de formação profissional) que oferecia cursos como ciências domésticas, literatura japonesa, literatura inglesa e ciência.

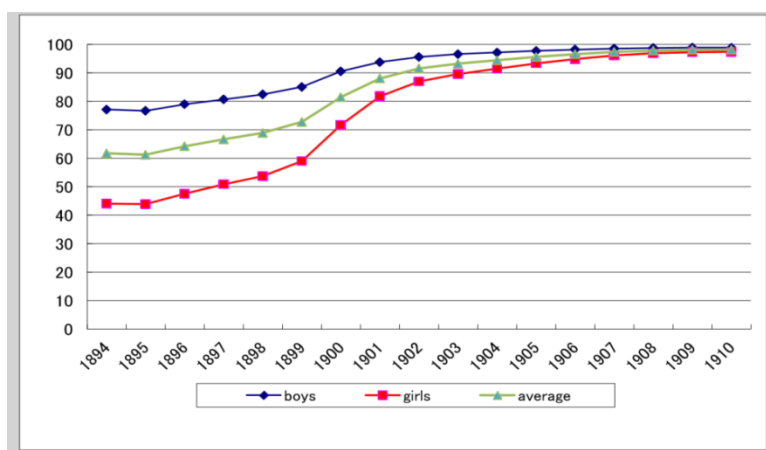
5.2 Equiparação de gênero na educação e o resultado alcançado pela educação da mulher no período Meiji

Em 1871, o Ministério da Educação transformou os quatro anos de ensino fundamental obrigatório para todas as crianças, independente de gênero ou *status* social, anunciando o estabelecimento de 53.760 escolas de ensino fundamental, 256 escolas de ensino médio e oito universidades, entretanto, não existia nas províncias, o valor financeiro para a construção. Em 1879 somente 52% das escolas haviam sido

construídas e a frequência dos meninos chegava a 40% e das meninas menos da metade. (FUJIMURA, 2011, cap.5)¹¹

No gráfico a seguir podemos destacar o número de meninos e meninas que frequentavam as escolas, no ano de 1894 ainda existia uma grande diferença entre eles, sendo a presença feminina aproximadamente 43% e os meninos aproximadamente 78%, já em 1910 ambos chegam à aproximadamente 98%.

Gráfico 1 - Relação de frequência na escola primária na parte final da era Meiji (1894-1910)

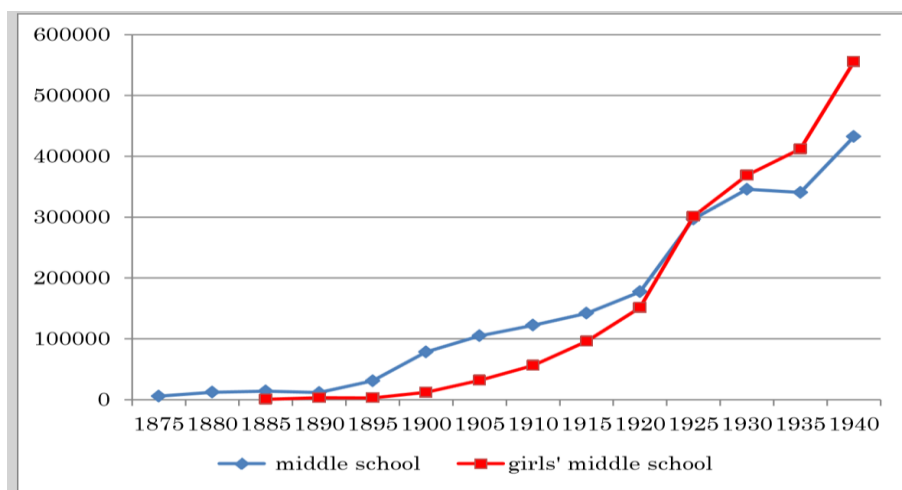


(SAITO, 2014, p.3)

Saito (2014) também traz um gráfico sobre o número de escolas secundárias e escolas secundárias de meninas, em que é possível ver o grande salto nas escolas de ensino fundamental para as mulheres.

¹¹FUJIMURA, Fanselow, Kumiko. Transforming Japan: “How Feminism and Diversity Are Making a Difference.”New York: The FeministPress , 2011– O livro utilizado no trabalho está disponível no site <<https://books.google.com.br/>>, entretanto não contém o número de paginação, os dados utilizados foram retirados do capítulo 5 do livro.

Gráfico 2- Escolas Secundárias



(SAITO, 2014, p.6)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade japonesa contemporânea, no que se refere à educação, colhe hoje os frutos de toda uma luta pela igualdade de gênero no que tocante ao ensino, passando por uma trajetória marcada pela dificuldade de acesso à educação, retratado no período Edo, por causa das limitações impostas às mulheres. As instituições de ensino eram destinadas apenas aos meninos e àqueles que possuíam uma melhor condição social, deixando a clientela feminina à margem do aprendizado e do conhecimento, recebendo apenas a educação no lar. As pessoas de classe alta contratavam professores particulares ou governantas para receberem, em casa, sua instrução, enquanto aqueles de classe baixa procuravam as escolas dos templos (Terakoya).

Com o fim do Período Edo e a abertura do Japão no período Meiji, muitas idéias ocidentais entraram na sociedade japonesa e as portas foram se abrindo através do surgimento das primeiras escolas voltadas para essa educação e a inserção das mulheres na mesma. A educação que era restrita aos homens, tornou-se para todos e o governo Meiji buscou a alfabetização de seus cidadãos, independentemente de gênero ou *status* social.

Algumas reformas realizadas no período Meiji foram decisivas para a inserção das mulheres na rede educacional. Entre elas destacaram-se a criação do Ministério da Educação, a promulgação da Ordenação do Sistema Educacional, em que se observou um controle melhor sobre as escolas e os currículos para garantir a qualidade do ensino oferecido. A criação de escolas para meninas determinadas pelo governo sofreu uma rejeição dos pais. Para maioria da população, às mulheres deveria aprender apenas o básico da leitura, como produzir herdeiros, como cuidar da casa e como criar os filhos. Outro fator que dificultou o acesso delas à educação foram as taxas que eram cobradas pelas escolas. Entretanto, a educação da mulher começou a ganhar forças e a educação chegou a ter aproximadamente 98% da população nas escolas no final do período Meiji, independente de classe social ou de gênero.

Graças a influência de Kiyotaka Kuroda, meninas são incluídas na Missão Iwakura, cujo objetivo era levar japoneses para estudar nos Estados Unidos e Europa, num período de dez anos, para que, na volta, trouxessem em sua bagagem, conhecimentos necessários que auxiliariam o desenvolvimento do Japão. Uma das meninas enviadas nesta Missão Iwakura foi Tsuda Umeko, de apenas sete anos de idade, chegou aos Estados Unidos e ficou, inicialmente sob os cuidados de Arinori Morie,

posteriormente do casal Lanman. Tendo recebido essa educação ocidental, ao retornar ao seu país de origem, o Japão, depois de dez anos, sofreu um choque. Seu papel fundamental na promoção da educação feminina pode ser observado pela sua atuação em escolas femininas, como a escola missionária, *Tōyō Jojuku* uma “escola da elite”, “Peeresses’ School” (escola ligada a corte) e a Escola Normal Superior de Tóquio. Após retornar dos Estados Unidos, pela segunda vez onde fora estudar por três anos, fundou sua própria escola, em 1900, a *Joshi Eigaku Juku*. A visão de Umeko da mulher é que ela deveria ser autossuficiente, e possuidora de habilidades para enfrentarem a mesma educação dos homens. Assim sua escola formou várias mulheres independentes e empreendedoras.

As diversas escolas para mulheres que surgiram no Japão ao longo do período Meiji demonstram seu papel fundamental, pois além do ensino básico e da formação de professoras, as mulheres recebiam conhecimento técnico nas mais diversas áreas. Ficou evidente, no decorrer das leituras realizadas para este trabalho, que a preocupação do Japão era o desenvolvimento do País, utilizando assim a educação da mulher como uma ferramenta. A mudança do sistema educacional deu às mulheres uma nova posição na sociedade e lhe deu mais autonomia.

O desenvolvimento desse estudo possibilitou o estudo sobre como se iniciou a educação da mulher no Japão e os resultados alcançados, através da investigação das escolas que surgiram na época como a escola missionária, escola governamental, a “Peeresses’ School”, a *Joshi Eigaku Juku* e as demais apresentadas.

Produzir o presente trabalho foi de suma importância para mim, pois o trabalho resultou num grande crescimento no meu conhecimento sobre a mulher japonesa. No início, ainda com o pensamento impregnado de preconceitos, tinha uma visão de uma mulher frágil, responsável pelo lar, submissa. Com as leituras do material pude mudar minha visão sobre as mulheres japonesas e observar como muitas eram fortes, idealizadoras, que buscaram o conhecimento, criaram escolas, entre outros exemplos citados ao longo do trabalho. Como grande modelo, Umeko Tsuda, que traz o conhecimento dos Estados Unidos e busca transmitir às mulheres uma nova visão de vida, tornando-as livres, capazes de expressar seus pensamentos, escolher os parceiros, incentivando-as a buscar seu lugar na sociedade.

Encerro expressando que o que me motivou a realizar esta pesquisa foi o desejo de trazer um novo conhecimento sobre o tema em questão, numa nova perspectiva para os alunos do curso de Letras Japonês. Dada a importância do assunto, torna-se

necessário o desenvolvimento de pesquisas que sejam um incentivo à novas buscas no campo educacional, e que possam fazer parte de um acervo a ser utilizado durante a formação de futuros profissionais da área, para que tenham conhecimento da evolução da educação no Japão e seus reflexos no mundo. Como muitos alunos do curso de Letras Japonês planejam estudar no Japão, pesquisas como esta que acabamos de concluir, poderão contribuir para o entendimento do papel da mulher na expansão da educação japonesa para todas as mulheres do país. Finalizamos com o desejo de que esta pesquisa sobre o ensino feminino ao longo do Período Meiji possa incentivar outros colegas discentes à investigar novos aspectos educacionais do Japão, visto que a educação japonesa está no topo da lista de educação mundial e que portanto, possam servir de referência para o sistema educacional brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

BACON, Alice Mabel. **Japanese Girls and Women**, Boston : Houghton, Mifflin 1902.

BURTON, Margaret E. **The education of women in Japan** ed. Ilustrada, 1914.

COBBING, Andrew. **Britain & Japan: Biographical Portraits** Volume 4, Mori Arinori, 1847–89: From Diplomat to Statesman", Chapter One, Japan Library 2002.

DUKE, Benjamin C. **The History of Modern Japanese Education: Constructing the National School System**, 1872-1890 Ed. Rutgers University Press, 2009.

FUJIMURA- Fanselow, Kumiko. **Transforming Japan: “How Feminism and Diversity Are Making a Difference.”** New York: The Feminist Press , 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** . Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JAPANESE DEPARTMENT OF EDUCATION, **Japanese code of education**, traduzido e publicado pelo The department of education, Tokyo, 1880.

JAPANESE DEPARTMENT OF EDUCATION, **An Outline History of Japanese Education**: Prepared for the Philadelphia International Exhibition, by Japan Monbusho ed. D. Appleton, Universidade de Michigan 1876.

KOYAMA, Takashi. **The changing social Position of women in Japan**. Ed. Unesco. United Nations Educational, scientific and cultural organization, printed by La Tribune de Gêneve, Paris 1961.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOMBARD, Frank Alanson. **Pre-Meiji Education in Japan**. Kyo Bun Kwan (Methodist Publishing House) Tokyo Japan, 1913.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. Editora Atlas, 2010.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** São Paulo: Atlas, 2000.

MURRAY John, Baron Dairoku. **Japanese Education- Lectures Delivered in the University of London** by Baron Dairoku Kikuchi. Albemarlestreet, 1909.

RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** 3.ed. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. São Paulo: Atlas, 2006.

OSADA, Arata. **A History of Japanese Education** OchonomizyShobo, Tokyo, 1961.

PASSIN, Herbert. **Society and Education in Japan.** Teachers College Press, Columbia University, New York, 1965.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** 4.ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

ROSE, Barbara. **Tsuda Umeko and women's education in Japan,** 1958 New Heaven: Yale University Press, 1992.

SHIRAIISHI, Masakuni. **History of Japanese Education prepared for the Japan – British Exhibition,** ed Department of Education Tokyo Japan, 1910.

SMITH, Patrick. **Japan: A Reinterpretation.** Knopf Doubleday Publishing Group, New York: Pantheon, 1997.

THE JAPANESE WOMAN'S COMMISSION, "**Japanese Women**", for the **World's Columbian Exposition,** privately printed by A.C.McClurg & Company, Chicago USA 1893.

TSUJIMOTO, Masashi; YAMASAKI, Yoko. **The History of Education in Japan(1600 – 2000)** ed. Taylor & Francis, 2017.

YUKICHI, Fukuzawa. **The autobiography of Fukuzawa Yukichi.** Traduzido por Eichii Kiyooka, Ed. Tokyo, The Hokuseido Press, 1960.

ARTIGOS CONSULTADOS:

SAITO, Yasuo. "**Gender Equality in Education.**"National Institute for Educational Policy Research.2014. Consultado em 29 de Agosto de 2018. Disponível em <<https://www.nier.go.jp/English/educationjapan/pdf/201403GEE.pdf>>.

GRIFFIS, W. E. EDUCATION IN JAPAN, **Female Education-** in Japan Weekly-The Connecticut School Journal Consultado em 29 de Agosto de 2018. Disponível em:<https://www.jstor.org/stable/44648817?seq=1#metadata_info_tab_contents>.

KIGUCHI, Junko .**Japanese women's rights at the Meiji era** , The 37th World Congress of the international Institute of Sociology, 2005 Consultado em 29 de Agosto de 2018. Disponível em < https://www.soka.ac.jp/files/ja/20170525_141432.pdf>.

BULLOCK, JULIA C. BULLOCK **Rethinking Japanese Feminisms** CHAPTER 5 Coeducation in the Age of “Good Wife, Wise Mother”: Koizumi Ikuko’s Quest for “Equality of Opportunity” Consultado em 29 de Agosto de 2018. Disponível em<https://www.jstor.org/stable/j.ctv3zp07j.11?seq=1#metadata_info_tab_contents>.

CONSULTAS DE IMAGENS:

<http://www.meijishowa.com/>

http://www.ndl.go.jp/scenery_top/e/

<http://www.oldphotosjapan.com/>

ANEXOS

ANEXO A – FOTOGRAFIAS DE TSUDA UMEKO



(FONTE: BACON, 1958)



Umeko in the Lanmans' house, about one year before her return to Japan. This photograph suggests how estranged she became from her native culture: the kimono is improperly worn, the obi badly tied, the fan (probably Chinese) held awkwardly, and the hair ornaments out of



Tsuda Umeko, age 11 (1875). Tsuda College, Toyko.

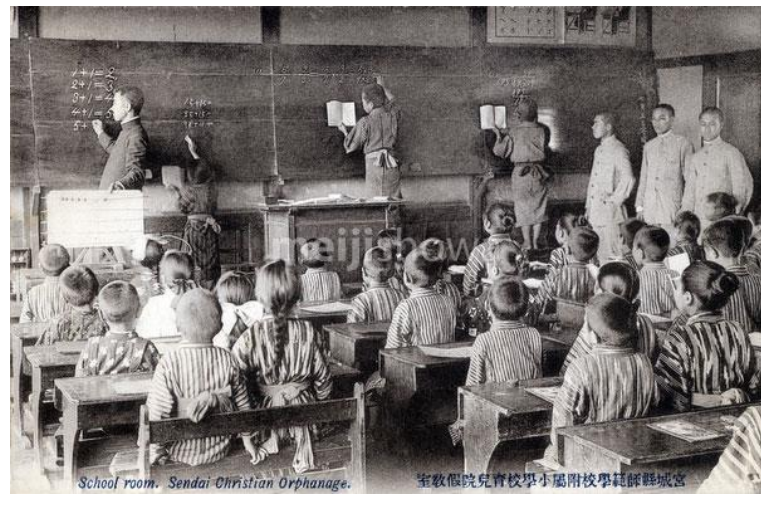


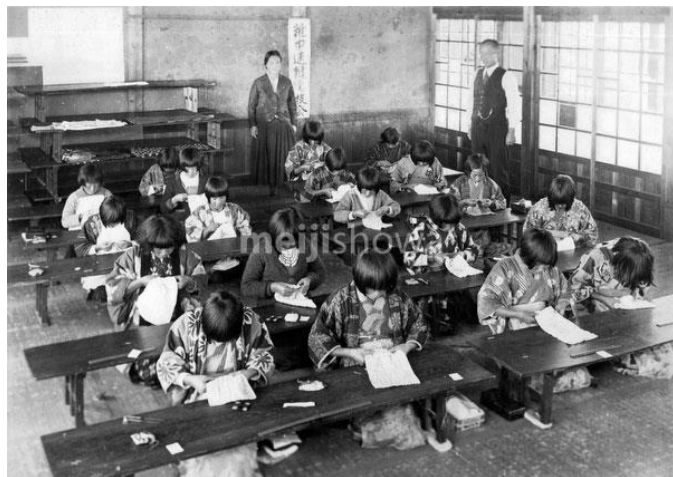
The five girls dressed for their audience with the Meiji empress, shortly before their departure for the United States in 1871. Umeko, the youngest, is second from the right.



The five girls in the "ill-fitting, ready-made American garments" purchased for them in Chicago. Umeko is second from the right.

ANEXO B- FOTOGRAFIAS DE MENINAS NAS ESCOLAS





ANEXO C- FOTOGRAFIAS DE MENINAS ESTUDANDO/ESCREVENDO



OLD PHOTOS OF JAPAN



416. Girls Playing and Reading.



118. Japanese GIRLS Writing, Reading, and Sewing.



OLD PHOTOS OF JAPAN

ANEXO D- LISTA DE ESCOLAS MISSIONÁRIAS

LIST OF PROTESTANT MISSION SCHOOLS FOR GIRLS IN JAPAN				
City	Name of School	Mission Board	Number in High School Course	Number in Higher Course
Fukuoka	Fukuoka Eiwa Jo Gakko*	Methodist Episcopal, North	29	8
Hakodate	Iai Jo Gakko	Methodist Episcopal, North	120	
Hashimoto	Shutoku Girls' School	Episcopal	20	
Himeji	Hinomoto Girls' School	American Baptist Foreign Missionary Society	67	
Hiroshima	Hiroshima Jo Gakko	Methodist Episcopal, South	259	27
Hirosaki	Hirosaki Jo Gakko	Methodist Episcopal, North	26	11
Kanagawa	Soshin Jo Gakko	American Baptist Foreign Missionary Society	67	7
Kanazawa	Hokuriku Jo Gakko	American Presbyterian	68	
Kobe	Kobe Jo Gakuin *	American Board of Commissioners for Foreign Missions	196	24
Kobe	Shoin Jo Gakko	Society for the Propagation of the Gospel	74	
Kofu	Yamanashi Eiwa Jo Gakko	Methodist Church of Canada	120	
Kyoto	Doshisha Jo Gakko	Congregational	161	48
Kyoto	Heian Jo Gakko	American Episcopal	150	7
Maebashi	Kyoai Jo Gakko	Congregational	105	
Matsuyama	Matsuyama Girls' School	American Board of Commissioners for Foreign Missions	113	19
Nagasaki	Kwassui Jo Gakko	Methodist Episcopal, North	100	40
Nagasaki	Umegasaki Jo Gakko	Dutch Reformed in America	76	
Nagoya	Kinjo Jo Gakko	Presbyterian Church U. S., South	34	
* Jo Gakko, Jo Gakuin—Girls' School.				
Nagoya	Seiryu Jo Gakko	Methodist Episcopal, North	32	
Okayama	Junsei Jo Gakko	Congregational	129	
Osaka	Baikwa Jo Gakko	Congregational	130	
Osaka	Poole's Jo Gakko	Church Missionary Society	184	4
Osaka	Wilmina Jo Gakko	American Presbyterian	150	
Otaru	Seishu Jo Gakko	American Presbyterian	50	
Sapporo	Hokusei Jo Gakko	American Presbyterian	64	
Sendai	Joshi Jijokwan	Methodist Episcopal, North	26	
Sendai	Miyagi Jo Gakko	German Reformed in U. S.	132	4
Sendai	Shokei Jo Gakko	American Baptist Foreign Missionary Society	64	
Shidzuoka	Shidzuoka Eiwa Jo Gakko	Methodist Church of Canada	51	
Tokyo	Aoyama Jo Gakuin	Methodist Episcopal, North	231	56
Tokyo	Friends' Jo Gakko	Friends	63	8
Tokyo	Joshi Ei Gaku Juku	Undenominational		140
Tokyo	Joshi Gakuin	American Presbyterian	200	40
Tokyo	Joshi Sei Gakuin	Churches of Christ	33	
Tokyo	Koran Jo Gakko	Society for the Propagation of the Gospel	62	2
Tokyo	Rikkyo Jo Gakko	American Episcopal	220	8
Tokyo	Shuntai Jo Gakko	American Baptist Foreign Missionary Society	37	
Tokyo	Toyo Eiwa Jo Gakko	Methodist Church of Canada	112	18
Utsunomiya	Christian Jo Gakko	American Christian Convention	31	
Yamaguchi	Kojo Jo Gakko	American Presbyterian	21	
Yokohama	Ferris Jo Gakko	Dutch Reformed in America	115	27
Yokohama	Kyoritsu Jo Gakko	Woman's Union Missionary Society in America	71	18
Yokohama	Yokohama Eiwa Jo Gakko	Methodist Episcopal Protestant Mission	54	8

(BURTON, 1914, Apêndice A P.254-255).

ANEXO E- CURRÍCULO / HORAS AULA ESCOLA GOVERNAMENTAL

SUBJECTS	HOURS PER WEEK				
	1st year	2d year	3d year	4th year	5th year
Morals	2	2	2	2	2
Japanese	6	6	6	5	3
English	3	3	3	3	3
History & Geog.	3	3	3	2	2
Mathematics	2	2	2	2	2
Science :					
Botany	} . . .	2	2	2	—
Physics					
Chemistry					
Biology					
Hygiene					
Drawing		1	1	1	1
Domestic Economy —	—	—	—	2	4
Sewing	—	4	4	4	4
Music	4	2	2	2	2
Gymnastics	4	3	3	3	2
Education	—	—	—	—	2
Total	26	28	28	28	27

(BURTON, 1914, P.114)

ANEXO F- INSTITUIÇÕES DE ENSINO FEMININO NOS ANOS DE 1890-1891

INSTITUTIONS.	NUMBERS OF SCHOOLS.						FEMALE STUDENTS.		FEMALE TEACHERS.	
	Gov't.		Public.		Private.		1890	1891	1890	1891
	1890	1891	1890	1891	1890	1891				
Higher Female Schools.....	1	1	7	7	23	21	3,115	2,768	153	166
Female Dep'ts of Ordinary Normal Schools.....			28	27			885	838	45	47
Chinese and Japanese Schools (Public).....							412	615	31	36
Chinese and Japanese Schools (Private).....							5,677	5,492	127	159
English Schools (Private).....							2,495	1,248	121	110
French Schools (Private).....							36		4	
German Schools (Private).....							3	17		2
Russian Schools (Private).....								2		
Medical Schools (Private).....							10			
Pharmaceutical Schools (Private).....							3	6		
Commercial Schools (Private).....							23	12		
Mathematical Schools (Private).....							276	325	3	2
Bookkeepers' Schools (Private).....							40	50	2	1
Writing Schools (Private).....							1,285	1,381	17	14
Painters' Schools (Private).....							24	13		
Industrial Schools (Private).....							4,407	5,504	173	218
Midwifery Schools (Private).....					38		308	364	22	28
Chinese, English and Mathematical Schools (Private).....							344	909	35	52
Music Schools (Private).....							97	99	4	2
Sick Nurses' Schools (Private).....							28	21	2	4
Science Schools (Private).....					1	1	29	15		
Kindergarten System Schools (Private).....					2	2	20	33	3	5
Technological Schools (Private).....								13		2
Literature Schools (Private).....								36		
Shampooers' Schools (Private).....								3		
Common Schools.....							915,238	917,270	3,738	4,149
	Public and Private.				Infants.		Instructresses.			
	1890	1891	1890	1891	1890	1891	1890	1891	1890	1891
Kindergartens.....	138	147	7,486	8,662	271	317				

(FONTE: The Japanese Woman's Commission, Japanese Women, 1893, pg 159)